

J. N. ANDREWS

O SÁBADO E O DOMINGO NOS PRIMEIROS TRÊS SÉCULOS: O TESTEMUNHO COMPLETO DOS PAIS DA IGREJA



OS VERDADEIROS AUTORES
DA MUDANÇA DO SÁBADO



ADVENTIST PIONEER LIBRARY

Título do original em inglês: *The Testimony of the Fathers of the First
Three Centuries Concerning the Sabbath and First Day of the Week*

Publicado originalmente em 1873 pela Steam Press of Seventh-day
Adventist Publishing Association

© 2020 **ADVENTIST PIONEER LIBRARY**

P.O. Box 51264

Eugene, OR, 97405, USA

www.APLib.org

EDITORA DOS PIONEIROS ADVENTISTAS

www.EditoraDosPioneiros.com.br

Apoio: **CENTRO DE PESQUISAS ELLEN G. WHITE – BRASIL**

Tradução: Naomi Vidal Ferreira

Revisão: Amarildo Souza

Editoração: Uriel Vidal

Primeira edição: 2.000 exemplares

Março, 2020

ISBN: 978-1-61455-064-8

Para adquirir mais exemplares, visite:

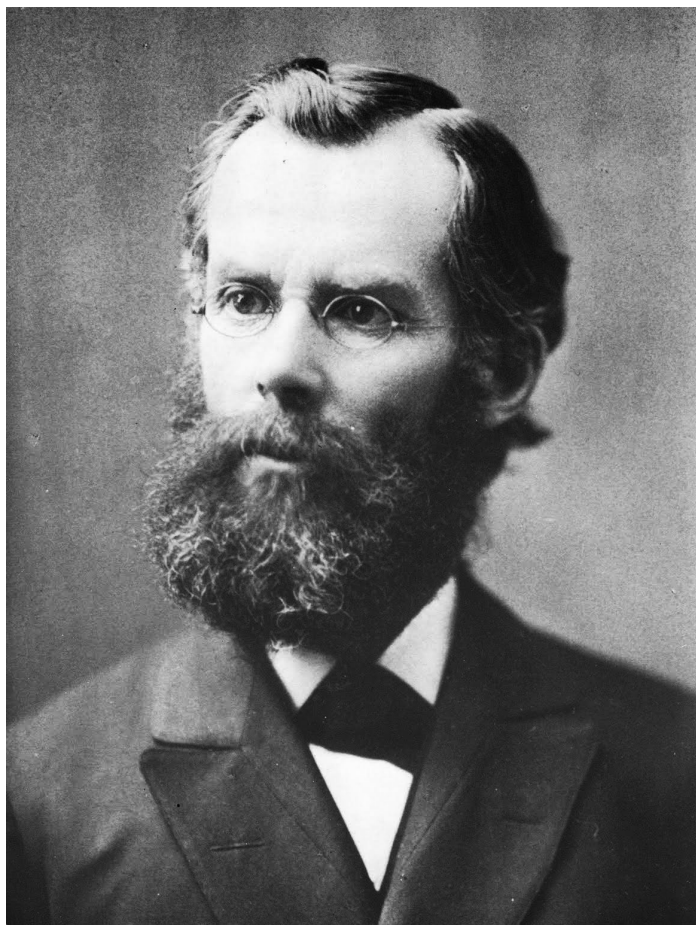
www.EditoraDosPioneiros.com.br

J. N. ANDREWS

O SÁBADO E O DOMINGO
NOS PRIMEIROS TRÊS SÉCULOS:
O TESTEMUNHO COMPLETO DOS PAIS DA IGREJA



ADVENTIST PIONEER LIBRARY



John Nevins Andrews (1829–1883)

ÍNDICE



Prefácio	7
Capítulo 1	9
Declaração Introdutória.....	9
Capítulo 2	17
Testemunho das Constituições Apostólicas.....	17
Capítulo 3	25
Testemunho da Epístola de Barnabé.....	25
Testemunho da Epístola de Plínio.....	28
Testemunho das Epístolas de Inácio.....	29
Testemunho da Igreja de Esmirna.....	33
Testemunho da Epístola a Diogneto.....	34
Testemunho de “Reconhecimentos de Clemente”.....	34
Testemunho dos Documentos Siríacos Acerca de Edessa.....	35
Capítulo 4	37
Testemunho de Justino Mártir.....	37
Capítulo 5	49
Testemunho de Irineu.....	49
Testemunho de Dionísio, Bispo de Corinto.....	56
Testemunho de Melito, Bispo de Sardis.....	57
Testemunho do Herege Bardesanes.....	57
Capítulo 6	59
Testemunho de Teófilo de Antioquia.....	59
Testemunho de Clemente de Alexandria.....	61
Capítulo 7	69
Testemunho de Tertuliano, 200 d.C.....	69

Capítulo 8	87
Testemunho das Epístolas e Decretos do Papa Fabiano	87
Testemunho de Orígenes	88
Testemunho de Hipólito, Bispo de Portus	93
Testemunho de Novaciano, um Presbítero Romano	94
Capítulo 9	97
Testemunho de Cipriano, Bispo de Cartago	97
Testemunho de Dionísio, Bispo de Alexandria	98
Testemunho de Anatólio, Bispo de Laodiceia	99
Testemunho de Comodiano	101
Testemunho de Arquelau, Bispo de Carcar	102
Capítulo 10	105
Testemunho de Vitorino, Bispo de Pettau	105
Testemunho de Pedro, Bispo de Alexandria	107
Testemunho de Metódio, Bispo de Tiro	109
Testemunho de Lactâncio	111
Testemunho do Poema de Gênesis	112

PREFÁCIO



O testemunho a favor da santidade do primeiro dia é tão escasso nas Escrituras, que até mesmo seus defensores deveriam reconhecer esse fato. Mas eles se acostumaram a suprir essa deficiência com uma abundante variedade de testemunhos dos primeiros pais da igreja. No passado, unicamente os defensores do primeiro dia dominavam esse tema histórico e permitiram que seu zelo em favor da mudança do sábado aniquilasse o que tinham de honestidade e veracidade. O sábado do primeiro dia era completamente desconhecido antes da época de Constantino. Quase cem anos se passaram desde que João teve a visão em Patmos, até que o termo “dia do Senhor” fosse aplicado ao primeiro dia. Nessa época, ele era chamado “o dia do sol”, “o primeiro dia da semana”, e “o oitavo dia”. Os primeiros escritores que lhe dão o nome de “o dia do Senhor”, declaram o fato notável de que, em seu entendimento, o verdadeiro dia do Senhor consiste de cada dia da vida de um cristão, uma prova muito convincente de que eles não deram esse título ao domingo porque João o havia chamado assim em Patmos. De fato, nenhum desses que dão esse título ao domingo jamais atribui como uma razão para tanto, o fato de João tê-lo chamado assim. Tampouco existe qualquer sugestão por parte de algum dos pais, de que a observância do primeiro dia era um ato de obediência ao quarto mandamento, nem uma declaração clara de que o trabalho comum nesse dia era pecado. A fim de expor esses fatos, eu me comprometi a apresentar todos os testemunhos de cada um dos pais, anteriores a 325 d.C., que mencionam o sábado ou o primeiro dia. Embora algumas dessas citações sejam relativamente sem importância, outras são de mui grande valor. Apresentei todas elas a fim de que o leitor tenha acesso ao completo testemunho deles. Me fundamentei principalmente na tradução da “An-

te-Nicene Christian Library” [Biblioteca Cristã Antenicena], e, em todos os casos, utilizei traduções do primeiro dia. Esta foi uma obra que exigiu muito trabalho, e creio que será de grande proveito para o leitor sincero.

J. N. ANDREWS

1º de janeiro de 1873

CAPÍTULO 1



DECLARAÇÃO INTRODUTÓRIA

Com relação ao sábado, o mundo religioso pode ser dividido em três classes:

1. Aqueles que mantêm o antigo sábado do sétimo dia.
2. Aqueles que observam o sábado do primeiro dia.
3. Aqueles que negam a existência de qualquer sábado.¹

É inevitável que haja controvérsia entre essas partes. Seu primeiro apelo é à Bíblia; e isso deveria decidir o caso, porque ela revela todo o dever do ser humano. Mas há um apelo da segunda parte, e às vezes da terceira, para outra autoridade, os primeiros pais da igreja, para a decisão da questão.

A controvérsia permanece assim: a segunda e a terceira partes concordam com a primeira, de que Deus antigamente exigiu a observância do sétimo dia; mas ambas negam a doutrina da primeira, de que Ele ainda exige que os seres humanos santifiquem esse dia; a segunda, afirmando que Ele mudou o sábado para o primeiro dia da semana; e a terceira, declarando que Ele aboliu completamente a própria instituição em si.

A primeira classe se apoia sobre a pura letra da lei de Deus e cita essas escrituras que ensinam sobre a perpetuidade e imutabilidade da lei

¹ Aqueles que compõem essa classe são unânimes na opinião de que o festival do domingo foi estabelecido pela igreja; e todos concordam em torná-lo seu dia de adoração, mas não pelo mesmo motivo; pois, enquanto uma parte deles aceita devotamente a instituição do dia do Senhor pela autoridade da igreja, a outra parte faz dele seu dia de adoração simplesmente porque é o dia mais conveniente.

moral e que mostram que a nova aliança não revoga essa lei, mas a coloca no coração de cada cristão.

A segunda classe tenta provar a mudança do sábado citando aqueles textos que mencionam o primeiro dia da semana e também aqueles que indiretamente a ele se referem. O primeiro dia é, sob tal autoridade, chamado por essa classe de sábado cristão, e o quarto mandamento é usado por eles para impor esse novo sábado.

A terceira classe adota os textos que sustentam a dissolução da antiga aliança; e aqueles que ensinam sobre a abolição da lei cerimonial com toda sua distinção de dias, como luas novas, dias de festas e sábados anuais; e também aqueles que declaram que o homem não pode ser justificado pela lei que condena o pecado; e a partir de todos eles, afirmam que a lei e o sábado estão ambos abolidos.

Mas a primeira classe responde à segunda que os textos que eles apresentam não atendem ao caso, na medida em que não dizem nada a respeito da mudança do sábado; e que não é honesto utilizar o quarto mandamento para impor a observância de um dia não ordenado nele. E a terceira classe aceita essa resposta como verdadeira e justa.

À posição da terceira classe, a primeira apresenta a seguinte resposta: Que a primeira aliança foi feita entre Deus e Seu povo *concernente* à Sua lei; que ela cessou porque o povo descumpriu as suas condições, a guarda dos mandamentos; que a nova aliança não revoga a lei de Deus, mas assegura obediência a ela, colocando-a no coração de cada cristão; que existem dois sistemas de lei, um sendo feito de preceitos típicos e cerimoniais, e o outro consistindo apenas de princípios morais; que os textos que falam da anulação da letra das ordenanças e da distinção de carnes, bebidas, e dias, pertencem somente àquele sistema de sombras, e jamais à lei moral que contém o sábado do Senhor; e que não é culpa da lei, mas dos pecadores, por serem condenados por ela; e que, sendo a justificação alcançada somente pelo sacrifício de Cristo como uma oferta pelo pecado, é em si a confirma-

ção mais poderosa da perpetuidade, imutabilidade e perfeição dessa lei que revela o pecado. E essa resposta, a segunda classe aceita plenamente.²

Mas a segunda classe tem algo mais a dizer. De fato, a Bíblia falha em confirmar a mudança do sábado, mas essas pessoas têm algo a mais para oferecer, que em sua opinião, é tão bom quanto as Escrituras. Os primeiros pais da igreja, que conversaram com os apóstolos, ou que conversaram com pessoas que haviam conversado com eles, e aqueles que os acompanharam por várias gerações, são apresentados por essa classe como autoridade, e o seu testemunho é usado para estabelecer o suposto sábado cristão sobre uma base sólida. E isso é o que eles afirmam sobre os pais da igreja: que eles claramente ensinam a mudança do sábado, do sétimo para o primeiro dia da semana, e que o primeiro dia é, por autoridade divina, o sábado cristão.

Mas a terceira classe diretamente nega essa declaração, e afirma que os pais defendiam o sábado como uma instituição feita para os judeus quando saíram do Egito, e que Cristo o aboliu na Sua morte. Eles também afirmam que os pais não consideravam o primeiro dia como um sábado no qual os homens não devem trabalhar para não transgredir um preceito divino, mas como uma instituição eclesiástica, à qual eles chamaram “dia do Senhor”, e que era o dia apropriado para as reuniões religiosas, porque o costume e a tradição assim concordavam. E assim, a terceira classe responde à segunda com uma negação explícita dos fatos por eles alegados. Eles também querem dar um golpe na primeira classe com a afirmação de que os primeiros pais ensinaram a doutrina do não-sábado, que deve, portanto, ser reconhecida como a doutrina real do Novo Testamento.

E agora a primeira classe responde a essas conflitantes declarações da segunda e terceira classes. E aqui está a sua resposta:

1. Que nosso dever em relação ao Sábado, e também a todas as outras coisas, só pode ser aprendido nas Escrituras.

² Essa é a exata natureza da aliança mencionada em Êxodo 24:8; e Paulo, em Hebreus 9:18-20, cita essa passagem, chamando a aliança mencionada na mesma de “o primeiro testamento”, ou aliança.

2. Que os primeiros três séculos depois dos apóstolos, quase completaram o desenvolvimento da grande apostasia, que havia começado desde os tempos de Paulo; e essa era de apostasia não pode ser uma boa autoridade para realizar mudanças na lei de Deus.

3. Que apenas uma pequena parte dos ministros e instrutores dessa época transmitiram quaisquer escritos para os nossos tempos; e estes são geralmente fragmentos das obras originais que chegaram até nós principalmente pelas mãos dos romanos, que nunca hesitaram em destruir ou corromper aquilo que testemunhava contra si mesmos, sempre que estivesse em seu poder fazê-lo.

4. Mas, visto que essas duas classes, isto é, aqueles que guardam o sábado do primeiro dia, e aqueles que negam a existência de qualquer sábado, ambas apelam ao testemunho desses pais para se sustentar, e para derrubar a primeira classe, ou seja, aqueles que santificam o antigo sábado, torna-se necessário que a verdade exata a respeito dos escritos daquela época, existentes hoje, seja mostrada. Existe apenas um método de fazer isso, que acabará efetivamente com a controvérsia. Isto é, apresentar a cada um dos seus testemunhos, nas suas próprias palavras, acerca do sábado e do primeiro dia. Ao se fazer isso, os seguintes fatos aparecerão:

A. Que em alguns detalhes importantes, existe uma divergência marcante entre eles. Pois, enquanto alguns ensinam que o sábado foi originado na criação e deve ser santificado até hoje, outros afirmam que ele começou com a queda do maná, e terminou com a morte de Cristo. E enquanto uma classe apresenta Cristo como violador do sábado, outra classe apresenta-O divinamente santificando esse dia, e uma terceira classe declara que Ele certamente o violou, o que seguramente Ele nunca fez, mas sempre o observou! Alguns deles também afirmam que o sábado foi abolido, e em outros lugares afirmam positivamente que ele foi perpetuado e tornado mais sagrado do que antes. Além disso, alguns afirmam que os Dez Mandamentos foram completamente abolidos, enquanto outros declaram que eles foram perpetuados e são o teste do caráter cristão nessa dispensação. Alguns

chamam o dia da ressurreição de Cristo de primeiro dia da semana; outros o chamam de dia do sol, e oitavo dia; e um número maior o chama de dia do Senhor, mas não há exemplos dessa aplicação até o fim do segundo século. Alguns impõe a observância tanto do sábado quanto do primeiro dia, enquanto outros consideram o sétimo dia desprezível.

B. Mas, em várias questões de grande importância, há perfeita harmonia de pensamento. Eles sempre distinguem entre o sábado e o primeiro dia da semana. A mudança do sábado, do sétimo para o primeiro dia, não é jamais mencionada em um único caso sequer. Eles nunca chamam o primeiro dia de sábado cristão, nem o tratam como um sábado de qualquer espécie. Nem tampouco existe qualquer declaração, de nenhum deles, de que trabalhar no primeiro dia da semana é pecado; o máximo que pode ser encontrado foram uma ou duas expressões vagas, que não têm necessariamente tal sentido.

C. Muitos dos pais da igreja chamam o primeiro dia da semana de dia do Senhor. Mas nenhum deles reivindica para tal ato qualquer autoridade das Escrituras, e alguns declaram expressamente que tal autoridade absolutamente não existe, mas que se baseia exclusivamente no costume e a tradição.

D. Mas os escritos dos pais fornecem prova positiva de que o sábado era observado por uma parte considerável do corpo da igreja cristã até a época em que foram escritos por eles. Pois alguns deles ordenam expressamente a sua observância, e mesmo alguns dos que sustentam que ele foi abolido, falam de cristãos que o observavam, com os quais eles aceitariam comungar se os mesmos não tornassem isso um teste.

E. E agora notem a obra da apostasia: Essa obra nunca começa por expulsar as instituições de Deus, mas sempre por introduzir as dos homens e a princípio pedindo apenas que sejam toleradas, enquanto as ordenadas por Deus são sagradamente observadas. Isso, no devido tempo, sendo efetuado, leva ao próximo passo que é torná-las iguais às divinas. Quando isso for realizado, a terceira etapa do processo é honrá-las acima

daquelas ordenadas por Deus; e isso é rapidamente sucedido pela quarta, na qual a instituição divina é lançada para fora com desprezo, e todo o terreno é dado à sua rival humana.

F. Antes que os três primeiros séculos expirassem, a apostasia em relação ao sábado havia, com muitos dos pais, avançado para a terceira etapa, e com um número considerável já havia adentrado na quarta. Pois aqueles pais que santificavam o sábado, geralmente o associavam à festa chamada por eles de dia do Senhor. E embora eles falem do sábado como uma instituição divina, e nunca falarem isso do suposto dia do Senhor, eles, no entanto, davam a honra maior a esta festa humana. A apostasia havia avançado tanto, antes do final do terceiro século, que apenas mais uma coisa era necessária para realizar a obra, no que diz respeito ao sábado, e isto era descartá-lo, e honrar somente a festa do domingo. Alguns dos pais já haviam chegado lá; e a obra se generalizou nos cinco séculos seguintes depois de Cristo.

G. Os historiadores da igreja moderna fazem declarações muito conflitantes a respeito do sábado durante os primeiros séculos. Alguns passam por ele quase em silêncio, ou indicam que era, no máximo, observado apenas pelos cristãos judeus. Outros, no entanto, testemunham de sua observância generalizada pelos cristãos gentios; ainda assim, alguns deles afirmam que o sábado era observado por uma questão de conveniência, e não de obrigação moral, porque aqueles que o guardavam não acreditavam que os mandamentos fossem obrigatórios. (Esse é um grande erro, como se verá no devido tempo.) O que é dito, no entanto, por esses historiadores modernos, é comparativamente sem importância, uma vez que suas fontes de informação eram, necessariamente, os próprios escritos que estão prestes a ser citados.

H. Nas páginas seguintes serão encontradas em suas próprias palavras cada uma das declarações que os pais dos três primeiros séculos fazem, definindo suas visões sobre o sábado e o primeiro dia. E mesmo quando eles fazem mera alusão a qualquer desses dias, ao falar de sua vi-

são sobre outros assuntos, a natureza da alusão é declarada e, sempre que possível, a sentença ou frase que a contém é citada. Os diferentes escritos são citados na ordem em que provavelmente foram escritos. Um número considerável não foi escrito pelas pessoas a quem foram atribuídos, mas em uma data posterior. Como os mesmos foram amplamente citados pelos escritores do primeiro dia, eles são aqui apresentados na íntegra. E até mesmo esses escritos possuem um certo valor histórico. Pois, embora não tenham sido escritos pelas pessoas cujos nomes eles carregam, eles são conhecidos por existirem a partir do segundo ou terceiro século, e dão alguma ideia dos pontos de vista que prevaleciam então.³

Antes de tudo, vamos ouvir as assim chamadas Constituições Apostólicas. Elas não eram obra dos apóstolos, mas existiam já no terceiro século e, em geral, acreditava-se que expressavam as doutrinas dos apóstolos. Elas, portanto, fornecem um testemunho histórico importante quanto à prática da igreja naquele tempo. Mosheim, em seus *Comentários Históricos*, seção 51, fala assim dessas Constituições:

O conteúdo dessa obra é inquestionavelmente antigo; uma vez que os costumes e a disciplina dos quais ela exhibe um panorama, correspondem aos que predominavam entre os cristãos do segundo e terceiro séculos, sobretudo os que moravam na Grécia e nas regiões orientais.

Acerca das *Constituições Apostólicas*, a *História da Igreja*, de Guericke, diz o seguinte:

Esta é uma coleção de estatutos eclesiásticos que alegava ser obra da era apostólica, mas, em realidade, se formou gradualmente ao longo do segundo, terceiro e quarto séculos. Ela tem grande valor em referência à história da organização da igreja e da arqueologia cristã de modo geral. *Igreja Antiga*, pág. 212.

³ O caso do Orígenes é uma exceção parcial. Nem todas as suas obras estavam acessíveis ao escritor, mas o suficiente delas foram examinadas a fim de apresentar ao leitor uma representação justa de sua doutrina.

CAPÍTULO 2



TESTEMUNHO DAS CONSTITUIÇÕES APOSTÓLICAS

“**T**enha diante dos seus olhos o temor de Deus, e sempre se lembre dos dez mandamentos do Senhor: amar o único Senhor Deus com toda sua força; não dar ouvido a ídolos, nem a outros seres, considerando-os como deuses sem vida, ou seres irracionais, ou demônios. Considere a multiforme obra de Deus, cujo início se deu por intermédio de Cristo. Guardarás o sábado, por causa Daquele que cessou Sua obra de Criação, mas não cessou Sua obra de providência. É um descanso para meditação na lei, não para ociosidade das mãos”. Livro 2, seq. 4, par. 36.

Esta é uma sã doutrina sabatista. Mas a apostasia havia começado sua obra no estabelecimento do suposto dia do Senhor, que era destinado, no devido tempo, para lançar fora o sábado. A próxima menção do sábado também apresenta a festa chamada “dia do Senhor”, mas o leitor se lembrará que isso não foi escrito no primeiro século, e sim no terceiro:

Que seus julgamentos sejam realizados no segundo dia da semana, para que, se surgir alguma controvérsia sobre a sua sentença, havendo um intervalo até o sábado, você possa resolver a controvérsia, e trazer às pazes aqueles que têm as disputas um com o outro antes do dia do Senhor. — Livro 2, seq. 6, par. 47.

Pelo termo “dia do Senhor” entende-se, aqui, o primeiro dia da semana. Mas o escritor não chama o primeiro dia sábado, termo este sendo aplicado ao sétimo dia.

Na seção 7, no parágrafo 59, os cristãos são ordenados a se reunir para o culto

todos os dias, de manhã e à noite, cantando salmos e orando na casa do Senhor: de manhã, recitando o salmo sessenta e dois, e à noite, o salmo cento e quarenta, mas principalmente no dia de sábado. E no dia da ressurreição de nosso Senhor, que é o dia do Senhor, reúnam-se com mais diligência, rendendo louvor a Deus, que fez o Universo por meio de Jesus, e O enviou para nós.

Caso contrário, que justificativa apresentará a Deus aquele que não se reúne nesse dia para ouvir a palavra salvífica acerca da ressurreição, no qual oramos três vezes de pé, em memória Daquele que ressuscitou em três dias, no qual é feita a leitura dos profetas, a pregação do evangelho, a oblação do sacrifício e a oferta do alimento santo?

O escritor dessas “Constituições”, desta vez, dá grande destaque ao primeiro dia, apesar de ainda honrar o sábado, e de modo algum dá esse título ao domingo. Mas no livro 5, seção 2, parágrafo 10, temos um testemunho singular sobre a maneira em que se passava o domingo. Assim diz o autor:

Agora nós os exortamos, irmãos e conservos, a evitar palavras vãs e discursos obscenos, zombarias, bebedeira, lascívia, luxúria, paixão desenfreada, com discursos insensatos, já que não lhes permitimos, tanto quanto no dia do Senhor, que são dias de alegria, que falem ou façam qualquer coisa imprópria.

Com base nisso, parece que o suposto dia do Senhor era um dia de maior alegria do que os outros dias da semana. No livro 5, seção 3, parágrafo 14, é dito:

Mas quando o primeiro dia da semana raiou, Ele ressurgiu dos mortos, e cumpriu as coisas que, antes da paixão, nos profetizou, dizendo: “o Filho do Homem deverá permanecer três dias e três noites no coração da terra”.

No livro 5, na seção 3, parágrafo 15, o escritor nomeia os dias nos quais os cristãos deveriam jejuar:

Mas Ele nos ordenou a jejuar no quarto e no sexto dia da semana; o primeiro por ter sido traído, e o último por causa da Sua paixão. Mas Ele nos determinou a quebrar nosso jejum no sétimo dia, no cantar do galo, mas a jejuar no dia de sábado. Não que o dia de sábado seja um dia de jejum, sendo o descanso da criação, mas porque devemos jejuar apenas nesse único sábado, uma vez que nesse dia o Criador estava debaixo da terra.

No parágrafo 17, os cristãos são proibidos de “celebrar o dia da ressurreição do nosso Senhor em qualquer outro dia que não domingo”. No parágrafo 18, eles são novamente incumbidos de jejuar naquele sábado que vem em conexão com o aniversário da morte de nosso Senhor. No parágrafo 19, o primeiro dia da semana é chamado de dia do Senhor por quatro vezes. O período de 40 dias desde a Sua ressurreição até a Sua ascensão deve ser observado. O aniversário da ressurreição de Cristo deve ser celebrado por meio da Ceia.

E que essa seja uma ordenança eterna, até a consumação do mundo, até que o Senhor venha. Pois para os judeus, o Senhor ainda está morto, mas para os cristãos Ele vive; para os primeiros, por causa da sua incredulidade; para os últimos, por sua plena certeza da fé. Pois a esperança Nele é a vida imortal e eterna. Depois de oito dias, que haja outra festa celebrada com honra, no próprio oitavo dia, no qual Ele deu a mim, Tomé, que tinha dificuldade para crer, essa plena certeza, mostrando-me as marcas dos cravos, e a ferida feita em Seu lado pela lança. E novamente, a partir do primeiro dia do Senhor, contem-se quarenta dias, desde o dia do Senhor até o quinto dia da semana, e celebre-se a festa da ascensão do Senhor, na qual ele terminou toda Sua dispensação e constituição, etc.

As ordenanças aqui apresentadas só devem ocorrer uma vez por ano. São elas: o aniversário da ressurreição de Cristo e o aniversário do

dia em que Ele apareceu a Tomé, e devem ser celebradas por meio da Ceia. O povo também deveria observar o dia da ascensão — no quinto dia da semana, quarenta dias depois de sua ressurreição — dia no qual Ele terminou Sua obra. No parágrafo 20, eles são ordenados a celebrar o aniversário do Pentecostes.

Mas depois de dez dias da Sua ascensão, que é o quinquagésimo dia depois do primeiro dia do Senhor, guardai uma grande festa; pois nesse dia, na terceira hora, o Senhor Jesus nos enviou o dom do Espírito Santo.

Essa não era uma festa semanal, mas anual. O jejum também é estabelecido nesse parágrafo, mas todos os sábados, exceto aquele em que Cristo jazia na tumba, está isento desse jejum, e cada um dos supostos dia do Senhor:

Nós lhes ordenamos jejuar todo quarto dia da semana, e todos os dias da preparação [o sexto dia], e a sobra do vosso jejum seja dado aos necessitados; em todos os sábados, exceto um, e todos os dias do Senhor, realizem as suas assembleias solenes, e regozijem-se; pois aquele que jejuar no dia do Senhor, sendo o dia da ressurreição, será culpado de pecado, ou durante o tempo do Pentecostes, ou em geral, quem estiver triste num dia de festa ao Senhor. Pois neles devemos nos regozijar e não lamentar.

Esse escritor afirma que é pecado jejuar ou lamentar no domingo, mas nunca sugere que é pecado trabalhar nesse dia, quando não estiver envolvido em adoração. A seguir, aprenderemos que o decálogo está de acordo com a lei da natureza, e que é de obrigação perpétua.

No livro 6, na seção 4, parágrafo 19, afirma-se que: “Ele deu uma lei clara para apoiar a lei da natureza, lei que é pura, salvífica e santa, na qual Seu próprio nome foi escrito, perfeita, que nunca falha, sendo completa em dez mandamentos, sem mácula, convertedora de almas”.

No parágrafo 20 afirma-se: “A lei é o decálogo, o qual o Senhor lhes transmitiu com voz audível”.

No parágrafo 22, ele diz: “Portanto, vocês que são libertos da maldição, são abençoados. Pois Cristo, o Filho de Deus, por Sua vinda confirmou e completou a lei, mas retirou os preceitos adicionais, embora não todos eles, mas pelo menos os mais penosos; tendo confirmado a primeira, e abolido os últimos”. E ele ainda testifica o seguinte: “E, além disso, antes da Sua vinda, Ele recusou os sacrifícios do povo, enquanto eles frequentemente os ofereciam, quando pecavam contra Ele, pensando que Ele seria aplacado por sacrifícios e não pelo arrependimento”.

Por essa razão, o escritor verdadeiramente testifica que Deus recusou-Se a aceitar suas ofertas queimadas e sacrifícios, suas luas novas e seus sábados.

No livro 6, na seção 23, ele diz: “Aquele que ordenou que honremos nossos pais, era, Ele mesmo, sujeito a eles. Aquele que havia ordenado a guarda do sábado, descansando nele a fim de meditar nas leis, agora nos ordena considerar a lei da criação, e da providência diária, e dar graças a Deus”.

Isso tem um pouco do sabor da doutrina de que todos os dias são iguais. No entanto, esse não pode ser o significado; pois no livro 7, na seção 2, parágrafo 23, ele ordena a observância do sábado, e também da festa do dia do Senhor, mas especifica um sábado no ano em que os homens deveriam jejuar. Assim ele diz:

Mas guarda o sábado, e a festa do dia do Senhor; pois o primeiro é o memorial da criação, e o segundo, da ressurreição. Mas há apenas um sábado que deve ser observado por você durante o ano inteiro; é aquele do sepultamento do nosso Senhor, no qual os homens devem guardar um jejum, não uma festa. Pois enquanto o Criador estava debaixo da terra, a tristeza por ele é mais forte do que a alegria pela criação; pois o Criador é mais honrado por natureza e dignidade do que Suas próprias criaturas.

No livro 7, na seção 2, parágrafo 30, ele diz: “No dia da ressurreição do Senhor, isto é, o dia do Senhor, reúnam-se, sem falta, dando graças a Deus”, etc.

No parágrafo 36, o escritor menciona o sábado novamente: “Ó Senhor Todo-Poderoso, Tu criaste o mundo por intermédio de Cristo, e instituíste o sábado em memória da criação, porque *nesse dia* Tu nos fizeste *descansar de nossas obras*, para a meditação nas Tuas leis”.

No mesmo parágrafo, ao falar sobre a ressurreição de Cristo, o escritor diz:

Razão pela qual solenemente nos reunimos para celebrar a festa da ressurreição no dia do Senhor, etc.

No mesmo parágrafo, ele fala novamente do sábado:

Tu lhes deste a lei, ou o decálogo, que foi pronunciada por intermédio da Tua voz e escrita com Tua mão. Tu ordenaste a observância do sábado, não lhes proporcionando uma ocasião para ociosidade, mas uma oportunidade para a piedade, para conhecimento do Teu poder, e proibição da maldade; tendo-os limitado dentro de um santo circuito por causa da doutrina, para gozijo no sétimo período.

Nesse parágrafo, ele também declara seu ponto de vista acerca do sábado, e acerca do dia que ele chama de dia do Senhor, dando a primazia ao último:

Por causa disso Ele permitiu que os homens descansassem todos os sábados, para que assim ninguém desejasse pronunciar qualquer palavra de ira no dia do sábado. Pois o sábado é o fim da criação, o término do mundo, o estudo da lei, e o grato louvor a Deus pelas bênçãos que Ele derramou sobre a humanidade. O dia do Senhor supera tudo isso, apontando para o próprio Mediador, o Provedor, o Legislador, a Causa da ressurreição, o Primogênito de toda a criação, etc.

E ele acrescenta:

É por essa razão que o dia do Senhor nos ordena oferecer a Ti, ó Senhor, ações de graças por tudo. Pois essa é a graça concedida por Ti, a qual em virtude da sua grandeza, ofuscou todas as outras bênçãos.

É certamente digno de nota que o suposto dia do Senhor, para o qual nenhuma autoridade divina é reivindicada, é aqui exaltado acima do sábado do Senhor, apesar do Sábado ser reconhecido como o memorial divino da criação, e ser expressamente ordenado no decálogo, o qual o escritor declara ser de obrigação perpétua. Testado por seus próprios princípios, ele estava bem avançado em apostasia; pois considerava uma festa humana mais honrada do que aquela que ele próprio reconheceu ter sido ordenada por Deus; e só mais um único passo restou, isto é, colocar de lado o mandamento de Deus em favor de ordenança humana.

No livro 8, na seção 2, parágrafo 4, afirma-se que, quando um bispo é escolhido e será ordenado:

Que se reúna o povo, com os presbíteros e bispos que estão presentes, no dia do Senhor, e que eles deem o seu consentimento.

No livro 8, na seção 4, parágrafo 33, ocorre a última menção desses dois dias nas assim chamadas Constituições Apostólicas:

Que os escravos trabalhem cinco dias; mas que tenham folga no dia de sábado e no dia do Senhor para irem à igreja receber instrução na piedade. Pois temos dito que o sábado existe por causa da criação, e o dia do Senhor, por causa da ressurreição.

A isso pode ser acrescentado o 64º Cânone dos Apóstolos, que está anexado às “Constituições”:

Se alguém do clero for achado jejuando no dia do Senhor, ou no dia de sábado, com exceção de apenas um, que seja deposto de seu cargo; mas se for um dos leigos, que seja suspenso.

Cada uma das menções do sábado e do primeiro dia nesse antigo livro chamado “Constituições Apostólicas”, estão agora diante do leitor. Esse livro chega até nós procedente do terceiro século, e contém o que naquela época amplamente acreditava-se que fosse a doutrina dos apóstolos. É, portanto, valioso para nós, não como autoridade a respeito dos ensinamentos dos apóstolos, mas por nos dar conhecimento dos pontos de vista e práticas que prevaleceram no terceiro século. Na época em que essas “Constituições” foram escritas, os dez mandamentos eram reverenciados como a regra imutável do direito, e o sábado do Senhor era, por muitos, observado como um ato de obediência ao quarto mandamento e como o memorial divino da criação. Mas a festa do primeiro dia já havia adquirido tal força e influência, a ponto de indicar claramente que, em breve, ela reivindicaria todo o terreno. Mas observem que o sábado e o suposto dia do Senhor são tratados como instituições distintas, e que nenhuma indicação da mudança do sábado para o primeiro dia da semana nem sequer uma vez é apresentada. As Constituições Apostólicas são citadas primeiro, não por terem sido escritas pelos apóstolos, mas por causa de seu título. Pela mesma razão, a suposta Epístola de Barnabé é citada na sequência, não por ter sido escrita por esse apóstolo — pois é ampla a prova de que não foi, — mas porque é frequentemente citada, pelos escritores do primeiro dia, como as palavras do apóstolo Barnabé. No entanto, ela já existia desde a metade do segundo século e, como as “Constituições Apostólicas”, é valiosa para nós porque nos dá algumas pistas sobre as opiniões que prevaleceram na região onde o escritor viveu, ou que pelo menos eram defendidas por seu grupo.

CAPÍTULO 3



*Barnabé – Plínio — Inácio — A Igreja de Esmirna — A epístola a Diogneto
— Reconhecimentos de Clemente — Documentos Siríacos sobre Edessa.*

TESTEMUNHO DA EPÍSTOLA DE BARNABÉ

Em seu segundo capítulo, esse escritor diz o seguinte:

Pois Ele nos revelou mediante todos os profetas, que Deus não precisa de sacrifícios, nem de holocaustos, nem de oblações, assim dizendo: “O que significa a multidão de vossos sacrifícios diante de Mim?, diz o Senhor. Estou farto de holocaustos, e não desejo a gordura de carneiros, e o sangue de touros e de bodes quando vierdes vos apresentar diante de Mim; pois quem vos requereu essas coisas das vossas mãos? Não continueis a pisar nos Meus átrios, ainda que tragais flor de farinha. Incenso é para Mim vã abominação, e as vossas luas novas e os vossos sábados não posso suportar”. Ele aboliu, portanto, essas coisas, para que a nova lei de nosso Senhor Jesus Cristo, que não possui o jugo da obrigação, possa ter uma oferta de uma santificada vida humana.

O escritor pode ter pretendido declarar a anulação dos sacrifícios apenas, já que esse era o seu tema principal nesse lugar. Mas neste momento ele defende a anulação do sábado do Senhor. Aqui está seu décimo quinto capítulo completo:

Além disso, também, está escrito acerca do sábado no decálogo que [o Senhor] falou, face a face, a Moisés no Monte Sinai: “Santificai o sábado do Senhor com mãos puras e coração puro”. E Ele diz em outro lugar: “Se Meus filhos guardarem o sábado,

então farei Minha misericórdia repousar sobre eles”. O sábado é mencionado no início da criação [assim]: “E Deus criou em seis dias as obras de Suas mãos e as terminou no sétimo dia, e nele descansou e o santificou”. Atentem, meus filhos, para o significado desta expressão: “Em seis dias terminou o Senhor”. Isso significa que o Senhor há de terminar todas as coisas em seis mil anos, pois um dia para Ele é como mil anos. E Ele próprio testemunhou, dizendo: “Eis que um dia é como mil anos”. Portanto, meus filhos, em seis dias, ou seja, em seis mil anos, todas as coisas serão terminadas. “E no sétimo dia descansou”. Isso quer dizer: quando Seu Filho, vier [outra vez], destruirá o tempo dos homens maus e julgará os ímpios, mudará o sol, a lua e as estrelas, e então Ele verdadeiramente descansará no sétimo dia. Além disso, Ele diz: “Tu o santificarás com mãos puras e coração puro”. Portanto, se alguém alegar, no tempo presente, que pode santificar o dia que Deus santificou, como se tivesse coração puro em todas as coisas, estamos enganados. Portanto, entendam: certamente o descanso apropriado que santifica esse dia ocorrerá quando nós, depois de recebermos a promessa, a maldade não mais existir e todas as coisas terem sido renovadas pelo Senhor, conseguirmos operar a justiça. Então teremos condições de santificá-lo, uma vez que nós mesmos estaremos santificados. Ele lhes diz ainda: ‘Não consigo suportar vossas luas novas e vossos sábados’. Percebam como Ele fala: Os sábados atuais de vocês não Me são aceitáveis, mas eis aqui o que determinei [a saber, isto]: quando Eu der descanso a todas as coisas, darei início ao oitavo dia, isto é, o começo de um outro mundo. Por isso, também, guardamos o oitavo dia com alegria, no qual Jesus ressuscitou dos mortos e, depois de Se manifestar, ascendeu aos Céus.

Aqui estão alguns espécimes muito estranhos de raciocínio. A ausência do que ele diz em relação à atual observância do sábado parece ser esta: Ninguém “pode agora santificar o dia que Deus santificou, a menos que seja puro de coração em todas as coisas”. Mas esse não pode

ser o caso até que o presente mundo passe, “quando nós, depois de recebermos a promessa, a maldade não mais existir e *todas as coisas tiverem sido renovadas* pelo Senhor, conseguirmos operar a justiça. Então teremos condições de santificá-lo, uma vez que nós mesmos estaremos santificados”. Logo, os seres humanos não têm condições de guardar o Sábado enquanto este mundo mau existir. Portanto, Deus diz: “Os sábados atuais de vocês não Me são aceitáveis”. Isso é o mesmo que afirmar que a guarda do dia que Deus santificou não é possível em um mundo mau como este. Mas, embora o sétimo dia não possa ser guardado agora, o oitavo dia pode ser, e deve ser, porque, quando os sete mil anos acabarem, haverá uma nova criação no início do oitavo milênio. Assim, as pessoas representadas por esse escritor não tentam guardar o sétimo dia que Deus santificou, pois tal é puro demais para ser guardado neste mundo, e só pode ser guardado depois que o Salvador vier, no início do sétimo milênio; mas eles “guardam alegremente o oitavo dia, no qual Jesus ressuscitou dos mortos”. O domingo, o qual Deus nunca santificou, é especialmente adequado para ser observado em nosso mundo em seu estado atual. Mas o sétimo dia santificado, “seremos capazes de santificar” quando todas as coisas se fizerem novas. Se nossos amigos do primeiro dia pensam que essas palavras de algum escritor desconhecido do segundo século, são mais honradas para o primeiro dia da semana do que para o sétimo, a esses elas são bem-vindas. Se o escritor tivesse dito: “É mais fácil guardar o domingo do que o sábado, enquanto o mundo é tão mau”, ele teria declarado a verdade. Mas, quando essencialmente, ele diz: “É mais aceitável para Deus guardar um dia comum do que um dia santificado, enquanto os homens são tão pecadores”, ele desculpa sua desobediência proferindo uma falsidade. Várias coisas, no entanto, devem ser observadas:

1. Nesta citação, temos as razões de uma pessoa não sabatista para guardar a festa do domingo. Não é o mandamento de Deus, pois não havia nenhum para essa festa; mas, uma vez que o dia que Deus santificou era

puro demais para se guardar, enquanto o mundo é tão mau, o domingo é, então, guardado até a volta do Senhor; e então o sétimo dia será verdadeiramente santificado por aqueles que agora não o ignoram.

2. Mas este escritor, apesar de dizer tudo o que pode em favor do primeiro dia da semana, não aplica a ele nenhum nome sagrado. Ele não o chama de sábado cristão, nem de dia do Senhor, mas simplesmente de “o oitavo dia”, e isso porque sucede o sétimo dia da semana.

3. Deve-se também notar que ele expressamente data o sábado desde a criação.

4. A mudança do sábado era desconhecida para este escritor. Ele guardava a festa do domingo, não porque fosse mais puro do que o sétimo dia santificado, mas porque o sétimo dia era puro demais para se guardar enquanto o mundo é tão mau.

TESTEMUNHO DA EPÍSTOLA DE PLÍNIO

Plínio foi o governador romano da Bitínia nos anos 103 e 104. Ele escreveu uma carta ao imperador Trajano, na qual ele declara o que tinha aprendido acerca dos cristãos como resultado de investigá-los em seu tribunal:

Eles afirmaram que toda sua culpa ou todo seu erro se resumia no fato de que se reuniam em um dia designado, [stato die] antes do amanhecer, e se dirigiam a Cristo, por intermédio de uma oração, como a algum deus, comprometendo-se com juramento solene, não a realizar qualquer desígnio mau, mas, sim, a nunca cometer qualquer fraude, roubo, ou adultério; a nunca proferir palavras falsas, nem negar um bem a eles confiado quando chamados a restituí-lo. Depois disso, era costume deles se separar e então se reunir novamente para comer juntos uma refeição inofensiva. — *Coleman's Ancient Christianity* [Cristianismo Antigo de Coleman], capítulo 1, seq. 1.

A carta de Plínio é citada com frequência como se testificasse que os cristãos da Bitínia celebravam o primeiro dia da semana. No entanto,

esse não é o caso de maneira nenhuma, como o leitor pode claramente ver. Coleman diz o seguinte sobre isso (página 528):

Esta declaração evidencia que esses cristãos guardavam um dia como santo, mas se era o último ou o primeiro dia da semana, não aparece.

Essa é a opinião de um sincero e capaz historiador da igreja, defensor do primeiro dia, e acadêmico de boa reputação. Um escritor antissabatista, de alguma reputação, diz o seguinte:

Como o dia de sábado parece ter sido tão comumente observado nessa data quanto o dia do sol (talvez até com mais frequência), há uma probabilidade igual de que esse ‘dia estabelecido’ mencionado por Plínio seja o *sétimo* ou o *primeiro* dia, embora se aceite como certo que se trata do último. — *Obligation of the Sabbath* [A Obrigatoriedade do Sábado], p. 300.

Toda pessoa sincera deve reconhecer que é injusto apresentar a carta de Plínio como se testificasse em favor do suposto sábado cristão. A seguir, em ordem cronológica, serão apresentadas as renomadas epístolas de Inácio.

TESTEMUNHO DAS EPÍSTOLAS DE INÁCIO

Das quinze epístolas atribuídas a Inácio, oito são, por consenso universal, consideradas espúrias; e eruditos proeminentes têm questionado a genuinidade das sete restantes. Todavia, existem duas versões destas sete, uma longa e uma curta; e, enquanto há algumas dúvidas em relação à versão curta, a versão longa é, por consenso geral, atribuída a uma época posterior à de Inácio. Mas a epístola aos Magnésios, que existe tanto na versão longa quanto na curta, é aquela da qual os escritores do primeiro dia obtêm o testemunho de Inácio em favor do domingo, e citam para tanto, ambas as versões. Portanto, apresentaremos as duas. Apresentamos aqui a versão curta:

Pois os divinos profetas viveram segundo a vida de Jesus Cristo. Por causa disso, eles foram também perseguidos, sendo inspirados

por Sua graça a convencer plenamente os incrédulos de que há um só Deus, que Se manifestou por intermédio de Jesus Cristo, Seu Filho, o qual é o Sua Palavra eterna, não proveniente do silêncio, e que em todas as coisas agradou Àquele que O enviou. Portanto, se aqueles que foram criados na antiga dispensação, tomaram posse de uma nova esperança, não mais observando o sábado, mas vivendo na observância do dia do Senhor, no qual a nossa vida também é erguida novamente por Ele, a quem alguns negam e por intermédio da Sua morte –mistério este pelo qual obtivemos a fé, e, portanto, perseveramos, para que sejamos encontrados como discípulos de Jesus Cristo, nosso único mestre. — Como então seríamos capazes de viver separados Dele, cujos discípulos, sendo eles mesmos profetas, O aguardaram, pelo Espírito, como seu mestre? Assim, Aquele que eles devidamente esperaram, tendo chegado, os ressuscitou da morte. — Capítulos 8 e 9.

Esse é o parágrafo do qual a parte de uma frase é citada para mostrar que Inácio testifica em favor da festa do dia do Senhor, ou sábado cristão. Mas o suposto dia do Senhor só é produzido por meio de uma falsa tradução. Esta é a decisiva sentença: meketi sabbatizantes, alla kata kuriaken zoen zontes; literalmente: “não mais sabatizando, mas vivendo de acordo com a vida do Senhor”.

Proeminentes estudiosos do primeiro dia têm chamado a atenção para esse fato, e têm testificado explicitamente que o termo “dia do Senhor” não tem o direito de aparecer na tradução; pois o original não é kuriaken hemeran, dia do Senhor, mas kuriaken zoen, vida do Senhor. Isso é absolutamente decisivo, e mostra que algo comparado a uma fraude tem que ser usado a fim de se encontrar, nesta citação, uma referência ao suposto sábado cristão.

Mas há um outro fato muito semelhante ao caso anterior. O escritor não estava falando dos vivos na época, mas dos antigos profetas. Isso é provado pelas palavras de abertura e conclusão da citação acima, que os escritores do primeiro dia sempre omitem. O suposto dia do Senhor

é inserido por intermédio de uma tradução fraudulenta; e agora vejam o absurdo que surge disso. O escritor está falando dos profetas antigos. Portanto, se a festa do domingo for inserida nessa citação de Inácio, isso faz com que ele declare que “os divinos profetas” que “foram criados na antiga dispensação”, guardavam o primeiro dia e não guardavam o sábado? Ao passo que a verdade é simplesmente o oposto disso. Eles certamente guardavam o sábado, e não guardavam o primeiro dia da semana. O escritor fala do momento em que esses homens tomaram posse de “uma nova esperança”, que deve ser sua conversão individual a Deus. Eles certamente observavam e impunham o sábado após esse ato de conversão. Ver Isaías 56, 58; Jeremias 17; Ezequiel 20, 22 e 23. Mas eles também viviam, como esse escritor verdadeiramente afirma, segundo a vida do Senhor. O sentido do escritor acerca dos profetas deve, portanto, ser este: “Não mais [depois de sua conversão a Deus] observando o Sábado [meramente, como homens naturais] mas vivendo segundo a vida do Senhor”, ou “de acordo com Jesus Cristo”.

Isso é demais para a versão curta da epístola aos Magnésios. Apesar da forma longa ser, quase por consenso universal de estudiosos e críticos, declarada como obra de alguns séculos depois da época de Inácio, ainda que uma porção dela seja frequentemente citada pelos escritores do primeiro dia para apoiar o domingo, e considerada também como as palavras de Inácio, nós aqui apresentamos, na íntegra a sua referência ao primeiro dia da semana e também ao sábado, o que eles geralmente omitem. Aqui estão suas declarações:

Portanto, não guardemos mais o sábado segundo o modo judeu, alegrando-nos em dias de ócio; pois ‘aquele que não trabalha, que não coma’. Pois dizem os oráculos [sagrados]: ‘Do suor do teu rosto comerás o teu pão’. Mas que cada de um vocês guarde o sábado de maneira espiritual, alegrando-se na meditação da lei, não pelo relaxamento do corpo, mas admirando as obras de Deus, e não comendo coisas preparadas no dia anterior, nem tomando

bebidas mornas, ou andando uma distância predeterminada, ou encontrando deleite em danças e aplausos que não têm o menor significado. E, após a observância do sábado, que cada amigo de Cristo guarde o dia do Senhor como uma festa, o dia da ressurreição, o rei e o principal de todos os dias [da semana]. Aguardando ansioso esse momento, o profeta declarou: ‘Tendo como fim o oitavo dia, no qual nossa vida ressurgiu e a vitória sobre a morte foi obtida em Cristo, etc. — Capítulo 9.

Essa epístola, apesar de ser a obra de uma mão posterior à de Inácio, é valiosa pela luz que lança sobre o estado das coisas quando foi escrita. Ela nos dá uma ideia do avanço da apostasia acerca do sábado durante a época do escritor. Ele fala contra a superstição judaica na observância do sábado, e condena os dias de ociosidade como contrários à declaração: “Do suor do rosto comerás o teu pão”. Mas, ao usar o termo “dias de ociosidade”, ele não pode estar se referindo ao sábado, pois isso seria fazer com que o quarto mandamento entre em conflito com esse texto, quando na verdade eles devem se harmonizar, visto que são contemporâneos da dispensação anterior. Além disso, embora o sábado seja um dia de abstenção do trabalho, não é um dia de ociosidade, mas de participação ativa nos serviços religiosos. Ele ordena sua observância de um modo espiritual. E, após o sábado ter sido assim observado, “que todo o amigo de Cristo observe o dia do Senhor como uma *festa*, o dia da ressurreição, a rainha e comandante de todos os outros dias”. A instituição divina do sábado ainda não tinha sido anulada, mas a instituição humana do domingo tornara-se igual a ela, e era até exaltada acima dela. Não muito depois disso, ela tomou todo o terreno, e a observância do sábado foi denunciada como herege e perniciosa.

A renomada epístola de Inácio aos Tralianos, em sua versão curta, não faz alusão a esse assunto. No entanto, na sua versão longa, a qual admite-se ser obra de uma era posterior à de Inácio, as seguintes expressões são encontradas:

Durante o sábado, ele permaneceu embaixo da terra;
 ao amanhecer o dia do Senhor, Ele ressurgiu dos mortos;
 o sábado engloba o sepultamento;
 o dia do Senhor contém a ressurreição. — Cap. 9.

Na epístola aos Filipenses, que é universalmente reconhecida como sendo a obra de alguém posterior a Inácio, é dito o seguinte:

Se alguém jejua no dia do Senhor, ou no sábado, exceto no sábado Pascal, torna-se um assassino de Cristo. — Cap. 13.

Terminamos agora de apresentar todas as alusões ao sábado e ao primeiro dia que podem ser encontradas em qualquer escrito atribuído a Inácio. Vimos que o termo “dia do Senhor” não é encontrado em nenhuma frase escrita por ele. O primeiro dia nunca é chamado de sábado cristão, nem mesmo nos escritos falsamente atribuídos a ele; nem existe, em nenhum deles, nenhuma insinuação da doutrina moderna da mudança do Sábado. Apesar de falsamente atribuídas a Inácio, e escritas, na realidade, em uma era posterior, elas são valiosas por marcar o avanço da apostasia no estabelecimento da festa do domingo. Além disso, elas fornecem evidência conclusiva de que o antigo sábado foi mantido por séculos na suposta igreja católica, e que a festa do domingo foi uma instituição inteiramente distinta do sábado do quarto mandamento.

TESTEMUNHO DA IGREJA DE ESMIRNA

A epístola de Policarpo não faz nenhuma referência ao sábado nem ao primeiro dia da semana. Mas “The encyclical epistle of the church at Smyrna concerning the martyrdom of the holy Polycarp” [A epístola encíclica da igreja de Esmirna, acerca do martírio do santo Policarpo], nos informa que “o santo Policarpo sofreu martírio” “no grande sábado, na oitava hora”. Capítulo 21. A margem diz: “O grande sábado é aquele anterior à Páscoa”. Esse dia, assim mencionado, não é o domingo, mas é o antigo sábado do Senhor.

TESTEMUNHO DA EPÍSTOLA A DIOGNETO

Ela foi escrita por um autor desconhecido, e o próprio Diogneto só é conhecido por nome e nenhum fato acerca dele chegou até nós. Essa epístola data da primeira parte do segundo século. O escritor fala da “superstição acerca dos sábados” que os judeus manifestavam, e acrescenta essas palavras: “Falar falsamente de Deus, como se Ele nos proibisse de fazer o bem nos dias de sábado — como pode isso não ser ímpio?” Mas não há nada nessa epístola a que um guardador do mandamento faria objeção, ou que não possa falar livremente.

A obra “Reconhecimentos de Clemente” é um tipo de romance filosófico e teológico. Alega-se ter sido escrito por Clemente de Roma, no tempo do apóstolo Pedro, mas na realidade foi escrito “em algum momento na primeira metade do terceiro século”.

TESTEMUNHO DE “RECONHECIMENTOS DE CLEMENTE”

No livro 1, no capítulo 35, ele fala sobre a promulgação da lei da seguinte forma:

Enquanto isso, chegaram ao Monte Sinai, e então a lei lhes foi entregue, com vozes e visões do Céu, escrita em dez preceitos, dos quais o primeiro e maior era que deviam adorar somente o próprio Deus, etc.

No livro 3, capítulo 55, ele fala desses preceitos como testes:

Portanto, por causa desses que, por negligenciarem a própria salvação, agradam o maligno, e daqueles que, considerando o benefício a ser usufruído, procuram agradar Aquele que é bom, dez coisas foram prescritas como teste para esta presente era, de acordo com o número das dez pragas trazidas sobre o Egito.

No livro 9, no capítulo 28, ele fala acerca dos hebreus, “que nenhuma criança nascida entre eles jamais é exposta, e que a cada sétimo dia todos descansam”, etc. No livro 10, no capítulo 72, é apresentada a conversão de um

certo Faustiniano por intermédio de São Pedro. E afirma-se que “Ele proclamou um jejum para todo o povo, e no dia do Senhor seguinte ele o batizou”.

Isso é tudo o que encontro nessa obra, relacionado ao sábado e ao suposto dia do Senhor. O escritor considerava os dez mandamentos como testes de caráter na presente dispensação. Não há razão para acreditar que ele, ou qualquer outra pessoa naquela época, considerasse a festa do domingo como algo a ser observado em obediência ao quarto mandamento.

TESTEMUNHO DOS DOCUMENTOS

SIRÍACOS ACERCA DE EDESSA

Nas páginas 35-55 dessa obra é apresentado o que se alega ser o “O Ensino dos Apóstolos”. Na página 36, é dito que a ascensão do Senhor aconteceu no “primeiro dia da semana, e no final do Pentecostes”. Duas notórias falsidades são aqui pronunciadas; pois a ascensão foi numa quinta-feira, e o Pentecostes aconteceu dez dias depois da ascensão. Também afirma-se que os discípulos vieram de Nazaré, da Galileia, até o monte das Oliveiras naquele mesmo dia, antes da ascensão, e ainda que a ascensão aconteceu “na hora do alvorecer”. Mas Nazaré estava a uma distância de pelo menos noventa e seis quilômetros do monte das Oliveiras!

Na página 38, é apresentado um mandamento dos apóstolos: “No primeiro [dia] da semana, que haja culto, e leitura das Sagradas Escrituras, e a oblação, pois Cristo ressuscitou nesse dia, nasceu nesse dia, ascendeu ao Céu nesse dia, e virá outra vez nesse dia”. Mas aqui encontra-se uma verdade, uma falsidade e duas meras declarações. Os apóstolos são apresentados, na página 39, ordenando um jejum de quarenta dias, e eles acrescentam: “Portanto, celebrai o dia da paixão [sexta-feira], e o dia da ressurreição”, domingo. Mas esta seria somente uma celebração anual desses dias.

E nas páginas 38 e 39 eles também são apresentados ordenando que haja culto no quarto e no sexto dia da semana. O sábado não é mencionado nesses “Documentos”, que foram escritos por volta do início do quarto século, quando, em várias partes do mundo, esse dia havia deixado de ser santificado.

CAPÍTULO 4



TESTEMUNHO DE JUSTINO MÁRTIR

A *Apologia* de Justino foi escrita em Roma, por volta do ano 140 d.C. Seu “Diálogo com o Judeu Trifão” foi escrito alguns anos depois. Ao pesquisar seus escritos, veremos como a apostasia havia alcançado um progresso muito maior em Roma do que nos países onde viviam aqueles cujos escritos estivemos examinando. E ainda assim, quase todos esses escritos foram produzidos pelo menos um século depois dos escritos de Justino, ainda que os tenhamos citado antes de citar os dele, por causa de sua suposta origem apostólica, ou de sua suposta origem poucos anos depois dos tempos dos apóstolos.

Não parece que Justino, e os habitantes de Roma que concordavam com ele na doutrina, tinham o mínimo respeito pelo antigo sábado. Ele fala do mesmo como tendo sido abolido, e o trata com desprezo. Diferentemente de alguns autores cujos escritos foram examinados, ele nega que o mesmo tenha se originado na criação, e afirma que foi estabelecido nos dias de Moisés. Ele também difere de alguns autores já citados, ao negar a perpetuidade da lei dos dez mandamentos. Em sua opinião, o sábado era uma instituição judaica, completamente desconhecida pelos bons homens anteriores a Moisés, e sem qualquer autoridade desde a morte de Cristo. A ideia da mudança do sábado, do sétimo para o primeiro dia da semana, não somente nunca é encontrada em seus escritos, mas é absolutamente incompatível com tais declarações como as anteriores, que abundam nos escritos dele. E ainda assim, Justino Mártir é proeminente e constantemente citado em favor do suposto sábado cristão.

O povo romano observava uma festa no primeiro dia da semana, em honra ao sol. E assim Justino, em sua Apologia, dirigida ao imperador de Roma, relata ao monarca que os cristãos se reuniam no “dia do sol”, para cultuar. Ele não atribui nenhum título sagrado ao dia, e nem sequer sugere que o mesmo fosse um dia de abstenção do trabalho, apenas que eles passavam uma parte dele em adoração. Essas são as palavras de sua Apologia sobre a festa do domingo:

E no dia chamado domingo, todos aqueles que vivem nas cidades ou no campo se reúnem em um lugar, e as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas são lidos enquanto o tempo permitir; quando o leitor acaba, o presidente apresenta uma instrução verbal, e exorta a todos à imitação dessas boas coisas. Então todos juntos nos levantamos e oramos, e, como já dissemos, quando as nossas orações terminam, pão, água e vinho são trazidos, e o presidente, da mesma forma, oferece orações e ações de graça, segundo a sua habilidade, e o povo concorda dizendo: “Amém”. Então, há uma distribuição a cada um e a participação daquilo que foi dado graças, e aos que estão ausentes uma porção é enviada por intermédio dos diáconos. E os que estiverem condições de fazê-lo, de boa vontade, podem doar o quanto bem lhe parecer; e o que é coletado é entregue ao presidente, que socorre os órfãos, as viúvas, aqueles que por causa de enfermidade ou por qualquer outro motivo estejam passando necessidade, os que estão presos e os estrangeiros de passagem no nosso meio, em resumo, socorre a todos os necessitados. Todavia, domingo é o dia em que celebramos essa reunião geral, porque é o primeiro dia em que Deus, tendo operado uma mudança nas trevas e na matéria, criou o mundo; e Jesus Cristo, nosso Salvador, ressuscitou dos mortos nesse mesmo dia. Pois Ele foi crucificado no dia anterior ao dia de Saturno (sábado): e no dia seguinte ao de Saturno, que é o dia do sol, tendo aparecido aos Seus apóstolos e discípulos, lhes ensinou essas coisas, as quais temos submetido também vocês, para a sua apreciação. — Cap. 67.

Nenhuma destas palavras indica que Justino considerava a festa do domingo como uma continuação do sábado do quarto mandamento. Ao contrário, ele mostra claramente que tal ideia não era estimada por ele. Pois, enquanto o quarto mandamento ordena a observância do sétimo dia porque *Deus descansou nesse dia* da obra da criação, Justino argumenta em favor da festa do domingo, que este é *o dia no qual Ele começou Sua obra*. Portanto, a honra prestada a essa festa não era, na opinião de Justino, em nenhum sentido um ato de obediência ao quarto mandamento. Ele menciona a ressurreição do Salvador nesse dia como sua outra razão para a celebração, pelos cristãos, do “dia do sol”. Mas ele não reivindica nenhum preceito divino ou apostólico para essa celebração; as coisas que ele diz que Cristo ensinou aos Seus apóstolos, são as doutrinas que ele incorporou nessa Apologia, para informação do imperador. E é digno de nota que, embora os escritores do primeiro dia afirmem que o “dia do Senhor” era o título familiar do primeiro dia da semana no tempo do Apocalipse, ainda assim Justino, que é a primeira pessoa depois dos escritores sagrados, que menciona o primeiro dia, e isso a apenas 44 anos desde a data da visão de João em Patmos, não o chama por esse título, mas pelo nome que o mesmo possuía como uma festa pagã! Se alguém afirmar que o termo foi omitido por ele por estar se dirigindo a um imperador pagão, ainda resta o fato de que ele menciona o dia uma grande quantidade de vezes em seu “Diálogo com Trifão”, e ainda assim jamais o chama de “dia do Senhor”, nem o chama por nenhum nome sugerindo santidade.

Agora apresentaremos as declarações acerca do sábado e do primeiro dia encontradas em seu “Diálogo com o Judeu Trifão”. A impropriedade, para não dizer a desonestidade, de citar Justino em favor da doutrina moderna da mudança do sábado ficará óbvia a todos. Ele era um escritor decididamente antilegalista e antissabatista, que usava o dia comumente honrado pelos romanos como uma festa, como o mais adequado, ou mais conveniente dia de adoração pública, uma posição idêntica àquela dos antissabatistas modernos. Justino pode ser chamado de homem da lei nesse

sentido, no entanto, enquanto ele anula os dez mandamentos, ele chama o evangelho de “a nova lei”. Portanto, ele é uma pessoa que realmente acredita no evangelho e nega a lei. Mas vamos ouvir suas próprias palavras. Trifão, tendo no capítulo 8, aconselhado Justino a observar o sábado, e a “fazer todas as coisas que estão escritas na lei”, no capítulo 10 ele lhe diz: “Vocês não observam nenhuma festa, nem sábados”.

A acusação forneceu a ocasião adequada para extrair de Justino a resposta de que, embora ele não observasse o sétimo dia como o sábado, descansava no primeiro dia, caso fosse verdade que esse dia era para ele um dia de abstenção do trabalho. E agora observe a resposta de Justino, apresentada no capítulo 12:

A nova lei requer que vocês guardem um sábado perpétuo, e vocês, por ficarem ociosos ao longo de um dia, acham que são piedosos, sem discernir por que isso lhes foi ordenado. E se vocês comem pão sem fermento, dizem que a vontade de Deus se cumpriu. O Senhor nosso Deus não Se agrada de tais observâncias. Se alguém entre vocês comete perjúrios ou é ladrão, que deixe de sê-lo; se há algum adúltero, que se arrependa. Assim ele estará guardando os deleitosos e verdadeiros sábados de Deus.

Essas palavras sugerem claramente que Justino considerava todos os dias iguais, e não guardava nenhum dia por meio da um dia de abstinência do trabalho. Mas no capítulo 18, Justino afirma que os sábados — e sem dúvida ele inclui o sábado semanal e o anual — foram ordenados aos judeus por causa da sua impiedade:

Nós também observaríamos a circuncisão da carne, os sábados e, em suma, todas as festas, se não soubéssemos por que elas foram ordenadas a vocês, a saber, por causa das transgressões de vocês e da dureza do coração de vocês. Pois se pacientemente suportarmos a todas as coisas arquitetadas contra nós por homens ímpios e demônios, de modo que, em meio a crueldades impronunciáveis, morte e tormentos, rogamos que Deus tenha misericórdia dos que

assim nos tratam, e não desejamos revidar a nenhum deles, assim como nosso novo Legislador nos ordenou. Como, ó Trifão, não haveríamos de guardar o que em nada nos prejudica — quero dizer a circuncisão da carne, os sábados e as festas?

Ele não apenas declara que os judeus foram ordenados a guardar o sábado por causa de suas transgressões, mas no capítulo 19 ele nega que qualquer sábado existisse antes de Moisés. Assim, depois de citar Adão, Abel, Enoque, Ló e Melquisedeque, ele diz:

Além disso, todos esses homens justos já mencionados, apesar de não guardarem nenhum sábado, eram agradáveis a Deus.

Mas, embora ele negue a instituição sabática antes do tempo de Moisés, ele aqui faz a seguinte declaração acerca dos judeus:

E vocês foram ordenados a guardar os sábados, para que vocês conservem o memorial de Deus. Pois a Sua palavra faz esse anúncio, dizendo: “Para que soubessem que Eu sou o SENHOR que os santifica”. [Ezequiel 20:12.]

O sábado é, de fato, o memorial do Deus que fez os céus e a Terra. E seria um absurdo negar que esse memorial foi estabelecido quando a obra da criação foi terminada, e afirmar que dois mil e quinhentos anos se passaram entre a criação e o memorial!

No capítulo 21, Justino afirma “que Deus ordenou vocês [os judeus] que guardassem o sábado, e impôs sobre vocês outros preceitos como sinal, como já tinha dito antes, por causa da sua injustiça, e da de vossos pais”, etc., e cita Ezequiel 20 para provar isso. No entanto, esse capítulo declara que, a fim de que soubessem quem era o Ser que os santificava, isto é, para que soubessem que o seu Deus era o Criador, o sábado tornou-se um sinal para eles.

No capítulo 23., novamente ele afirma que “nos tempos de Enoque”, ninguém “guardou os sábados”. Assim, ele protesta contra observâncias sabáticas da seguinte forma:

Vocês percebem que os elementos não são ociosos e não guardam sábado algum? Permaneçam como vocês nasceram. Pois, se não havia necessidade de circuncisão antes de Abraão, ou de observância de sábados, ou de festas e sacrifícios antes de Moisés, não há necessidade de realizar essas coisas agora, depois que, de acordo com a vontade de Deus, Jesus Cristo, o Filho de Deus, nasceu sem pecado, de uma virgem pertencente ao tronco de Abraão.

Isso quer dizer que não havia nenhuma instituição sabática antes de Moisés, e que não há nenhuma desde Cristo. Mas no capítulo 24, Justino se propõe a apresentar um argumento a favor do domingo, não como um sábado, mas como algo mais misterioso, e como sendo mais honrado do que o sétimo dia. Assim, fez alusão à circuncisão no oitavo dia da vida de uma criança como um argumento em favor da festa do primeiro dia, ele diz:

É-nos possível demonstrar que o oitavo dia possuía certo caráter misterioso que o sétimo dia não tinha, e que foi promulgado por Deus mediante esses ritos.

Em outras palavras, porque Deus ordenou aos judeus que circuncidassem seus filhos aos oito dias de vida, logo, todos os homens devem agora considerar o primeiro dia da semana como mais honrado do que o sétimo dia, o qual Ele ordenou na lei moral, e o qual o próprio Justino, no capítulo 6, denomina “o memorial de Deus”. No capítulo 26, Justino diz a Trifão que:

Os gentios, que creram Nele e que se arrependeram dos pecados que cometeram, receberão a herança juntamente com os patriarcas, os profetas e as pessoas justas descendentes de Jacó, ainda que não guardem o sábado, nem sejam circuncidados e nem guardem as festas.

E como prova disso, ele cita Isaías 42, 62 e 63, a respeito do chamado dos gentios. Acerca disso (capítulo 27), o judeu Trifão pergunta de forma muito pertinente:

Por que você seleciona e cita o que bem entende dos escritos proféticos, mas não menciona aquelas passagens que ordenam expressa-

mente que o sábado seja observado? Pois Isaías fala o seguinte [cap. 58:13, 14], “Se desviares o teu pé de profanar o sábado”, etc.

Ao qual Justino apresenta essa resposta tendenciosa:

Eu omiti essas palavras proféticas, meus amigos, não porque iriam contradizer a minha tese, mas porque vocês têm compreendido, e compreendem que, embora Deus lhes ordene, por intermédio de todos os profetas, a fazer as mesmas coisas que Ele também ordenou por intermédio de Moisés, era por causa da dureza dos seus corações, e por causa da sua ingratidão para com Ele, que Ele as proclama continuamente, a fim de que, mesmo que seja dessa forma, se vocês se arrependem, vocês possam agradá-Lo, e não sacrifiquem seus filhos aos demônios e nem tenhais parte com ladrões, etc.

E ele acrescenta:

De modo que, assim como no princípio, essas coisas foram ordenadas a vocês por causa das suas iniquidades, da mesma maneira, por causa da sua firmeza em praticá-las ou, mais ainda, por sua maior propensão a elas, por meio dos mesmos preceitos, Ele clama a vocês [por intermédio dos profetas] para que se lembrem ou as conheçam.

Essas são palavras amargas de um gentio que era um filósofo pagão, e não são de forma alguma, uma resposta justa, a menos que possa ser demonstrado que a lei foi dada aos judeus porque eles eram muito ímpios, e foi retida dos gentios porque eles eram muito justos. A verdade é exatamente o contrário disso (Efésios 2). Mas para dizer algo contra o sábado, Justino pergunta:

Será que Deus desejava que os sacerdotes pecassem quando oferecessem os sacrifícios aos sábados? Ou que pequem aqueles que são circuncidados ou circuncidam outros aos sábados; já que Ele ordena que os recém-nascidos sejam sempre circuncidados no oitavo dia, mesmo que seja sábado?

Além disso, ele pergunta se o ritual não poderia acontecer um dia antes ou um dia depois do sábado, e por que aqueles “que viveram antes de Moisés” “não observavam os sábados”?

O que Justino diz acerca da circuncisão e dos sacrifícios é completamente sem peso como objeção ao sábado, uma vez que o mandamento não proíbe a realização dos deveres religiosos, mas proíbe nosso próprio trabalho (Êxodo 20:8-11). E sua declaração repetida com frequência, de que as pessoas boas antes do tempo de Moisés, não guardavam o sábado, é uma afirmação banal, uma vez que Deus designou o sábado para uso santo no tempo de Adão, e sabemos de outros, na era patriarcal, que guardavam os mandamentos de Deus, e eram perfeitos diante Dele.

No capítulo 29, Justino zomba da observância sabática dizendo: “Não fique espantado pelo fato de bebermos água quente aos sábados”. E como argumento contra o sábado, ele fala que Deus “dirige o governo do Universo nesse dia da mesma maneira que em todos os outros”, como se isso fosse inconsistente com a santidade presente do sábado, quando também era verdade que Deus dirigia o mundo da mesma maneira durante o período em que Justino reconhece que o sábado era obrigatório. E ele novamente volta-se para os sacrifícios e àqueles que viveram na era patriarcal.

No capítulo 12, Justino novamente traz à tona seu argumento da circuncisão em favor do domingo:

A ordem da circuncisão, novamente, ordenando[-lhes] que sempre circuncidassem os filhos no oitavo dia de vida, era um tipo da circuncisão verdadeira, por meio da qual somos circuncidados do engano e da iniquidade, mediante Aquele que ressuscitou dos mortos no primeiro dia depois do sábado [a saber, mediante], o nosso Senhor Jesus Cristo. Pois o primeiro dia depois do sábado, sendo o primeiro de todos os dias, é chamado, no entanto, de oitavo, segundo o número de todos os dias do ciclo, e [no entanto] permanece sendo o primeiro.

A guarda do domingo deve estar intimamente relacionada com o batismo infantil, visto que um dos principais argumentos nos tempos modernos para o batismo de crianças, é extraído do fato de que Deus ordenou aos hebreus que circuncidassem seus filhos do sexo masculino; e Justino encontrou sua autoridade bíblica para a observância do primeiro dia no fato de que esse rito devia ser realizado quando a criança tivesse oito dias de vida! No entanto, esse oitavo dia não coincidia com um dia da semana apenas, mas com qualquer um dos dias, e quando coincidiu com o sétimo dia, forneceu a Justino um argumento contra a santidade do sábado! Mas quando coincidia com qualquer outro dia (coincidia com todos igualmente), isso foi um argumento a favor do domingo! Ó maravilhoso oitavo dia, que pode prosperar naquilo que é positivamente fatal ao sétimo, e que pode coincidir, toda a semana, com o primeiro dia dela, apesar de só existirem sete dias na semana!

Nos capítulos 63, 64 e 112, Justino reitera a afirmação de que, aqueles que viveram na era patriarcal, não santificaram o sábado. Mas como ele não acrescenta nenhum novo pensamento ao que já foi citado acerca dele, esses não precisam ser transcritos.

Mas no capítulo 47, temos algo interessante. Trifão pergunta a Justino se aqueles que creem em Cristo, e O obedecem, mas desejam “observar estas [instituições], serão salvos?” Justino responde: “Na minha opinião, Trifão, tal pessoa será salva, contanto que ela não se esforce com todas as forças para persuadir outros... a observar as mesmas coisas que ela, dizendo-lhes que não serão salvos a menos que as observem”. Trifão respondeu: “Então, por que você disse: ‘Na minha opinião, tal pessoa será salva’, a menos que haja outros que afirmem que tais pessoas não serão salvas?”

Em resposta, Justino diz a Trifão que havia alguns que não teriam qualquer tipo de relacionamento ou nem mesmo lhes estenderiam hospitalidade a tais cristãos que observavam a lei dessa maneira. Mas de sua parte ele diz:

Mas se alguns, de mente fraca, que desejam observar as instituições entregues a Moisés (das quais esperam alguma virtude, mas que cremos terem sido designadas por causa da dureza do coração do povo) junto com sua esperança nesse Cristo e [com o desejo de realizar] as obras naturais e eternas da justiça e da piedade, escolherem, contudo, viver com os cristãos e os fiéis, conforme disse antes, sem induzi-los a se circuncidar como eles, ou a guardar o sábado, ou a observar qualquer outra dessas cerimônias, então eu julgo que deveríamos nos unir a tais pessoas e nos associar a elas em todas as coisas, como parentes e irmãos.

A linguagem de Justino mostra que existiam cristãos guardadores do sábado na sua época. Aqueles que eram de ascendência judaica, sem dúvida, geralmente observavam a circuncisão. Mas é muito injusto da parte dele apresentar os gentios, observadores do sábado, como praticantes desse rito. Que havia muitos desse tipo, fica evidente nas assim chamadas Constituições Apostólicas, e até nas Epístolas de Inácio. No entanto, Justino diz uma coisa boa. A guarda dos mandamentos, ele denomina prática “das obras naturais e eternas da justiça”. Ele consentiria em comungar com aqueles que praticam essas coisas, contanto que não fizessem disso um teste aos outros. Ele bem sabia nesse caso, que o sábado desapareceria em pouco tempo. Ele mesmo, e a parte mais popular de Roma, honravam, como sua festa, o dia observado pelos pagãos romanos, como ele lembra o imperador em sua apologia, e desejava comungar com os guardadores do sábado se eles não o testassem pelos mandamentos, isto é, se eles se unissem a ele para transgredi-los.

Que Justino defendia a anulação dos dez mandamentos, isso também é manifesto. Tendo Trifão, no décimo capítulo do Diálogo, falado o seguinte a Justino: “Você não obedece aos Seus mandamentos”, e novamente: “Você não observa a lei”, Justino responde, no capítulo 11, o seguinte:

Mas nós não cremos por intermédio de Moisés, ou por intermédio da lei; porque, senão, estaríamos fazendo o mesmo que vocês.

Agora, porém — eu li que haverá uma lei final, como uma aliança, a principal de todas, a qual agora deve ser observada por todos os seres humanos que desejam a herança de Deus. Pois a lei promulgada no Horebe agora está ultrapassada, e pertence apenas a vocês; mas *essa* é para todos, universalmente. Agora, uma lei posta contra outra lei, anula a primeira; e uma aliança que veio posteriormente, da mesma maneira, torna sem efeito a anterior.

Devemos, portanto, declarar Justino como um homem que defendia a anulação dos dez mandamentos e que o sábado era uma instituição judaica desconhecida antes de Moisés, e de nenhuma autoridade depois de Cristo. Ele defendia o domingo como sendo o dia mais adequado para a adoração pública, mas não baseado no fato de que o sábado tinha sido substituído por ele, pois ele corta a instituição do sábado pela raiz; e está tão longe de chamar esse dia de sábado cristão que lhe atribui o nome que ele recebia como uma festa pagã.

CAPÍTULO 5



Irineu – Dionísio – Melito – Bardesanes.

TESTEMUNHO DE IRINEU

Esse pai nasceu “em alguma época entre 120 d.C. e 140 d.C.” Ele era “bispo de Lyon na França durante os últimos 25 anos do segundo século”, sendo ordenado a esse ofício “provavelmente por volta de 177 d.C.”. Sua obra *Against Heresies* [Contra as Heresias] foi escrita “entre 182 d.C. e 188 d.C.”. Os escritores que defendiam o primeiro dia afirmam que Irineu “diz que o dia do Senhor era o sábado cristão”. Eles professam citar dele as seguintes palavras: “No dia do Senhor, cada um de nós cristãos guarda o sábado, meditando na lei e regozijando-se nas obras de Deus”.

Tais palavras não são encontradas em nenhum dos escritos desse pai. Citaremos todo seu testemunho a respeito do sábado e do primeiro dia, e o leitor pode decidir. Ele fala sobre a guarda do sábado por Cristo, e mostra que Ele não transgrediu esse dia. Ele diz o seguinte:

Portanto, está claro que Ele libertou e vivificou os que como Abraão creem Nele, não fazendo nada contrário à lei, quando curou no dia de sábado. Pois a lei não proibia as pessoas de serem curados nos sábados; [ao contrário], ela que os fazia circuncidar nesse dia, e ordenava que os sacerdotes ministrassem em favor do povo; sim, ela não impedia a cura nem mesmo de animais irracionais. Tanto junto ao tanque de Siloé quanto em outras frequentes ocasiões Ele curou no sábado; motivo pelo qual muitos costumavam recorrer a Ele nos dias de sábado. Pois a lei ordenava que se abstivessem de toda obra servil, isto é, de qualquer ganância pela riqueza, que é obtida pelo comércio e por outros negócios mundanos; mas ela os exortava a cumprir as

obras da alma, que consistem em reflexão, e atos de bondade em benefício do próximo. Por isso o Senhor reprovou aqueles que injustamente O culpavam por ter curado nos dias de sábado. Pois Ele não anulou a lei, mas, antes, a cumpriu, desempenhando o ofício do sumo sacerdote, outorgando Deus aos homens, purificando os leprosos, curando os doentes, e Ele próprio sofrendo a morte, para que o homem desterrado pudesse se livrar da condenação, e voltasse sem temor, à sua herança. Novamente, a lei não proibia aos famintos no dia de sábado de tomar alimento daquilo que lhes estivesse à mão; mas proibia ceifar e armazenar nos celeiros. — *Against Heresies* [Contra as Heresias], livro 4, cap. 8, seções 2 e 3.

O caso dos sacerdotes no sábado, ele apresenta da seguinte maneira:

E os sacerdotes no templo profanavam o sábado, e ficavam sem culpa. Por que, então, eles ficavam sem culpa? Porque, no templo, eles não estavam engajados em assuntos seculares, mas no serviço do Senhor, cumprindo a lei, não a infringindo, como fez aquele homem que, segundo sua própria vontade, carregou lenha para o acampamento de Deus, e foi apedrejado justamente. — livro 4, cap. 8, seção 3.

Acerca da necessidade de guardar os dez mandamentos, ele fala o seguinte:

Agora, que a lei de antemão ensinava à humanidade a necessidade de seguir a Cristo, Ele próprio tornou manifesto, quando respondeu àquele que perguntou o que deveria fazer para herdar a vida eterna: “Se quiseres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos”. E à sua pergunta: “Quais?” o Senhor respondeu: “Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho; honra a teu pai e a tua mãe e amarás o teu próximo como a ti mesmo.” – estabelecendo, diante daqueles que desejavam segui-Lo, os preceitos da lei em degraus ascendentes para entrar na vida; e o que Ele disse então a um, ele disse a todos. Mas quando o primeiro disse: “Tudo isso tenho observado” (é mais provável que ele não os guardava, pois nesse caso o Senhor não lhe teria dito: “Guarde os mandamentos”),

o Senhor, expondo sua cobiça, disse-lhe: “Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, distribui-o aos pobres; depois, vem e segue-me”, prometendo àqueles que agissem assim a mesma porção dos apóstolos.... Ele ensinava a obedecer aos mandamentos ordenados por Deus desde o princípio, e livrar-se de sua antiga cobiça por meio das boas obras, e seguir a Cristo. — Livro 4, cap. 12, seq. 5.

Irineu certamente ensina uma doutrina muito diferente da de Justino Mártir acerca dos mandamentos. Ele acreditava que os homens devem guardar os mandamentos a fim de entrar na vida eterna. Ele diz mais:

E [nós devemos] não somente nos abster dos maus atos, mas até dos desejos de cometê-los. Agora, Ele não nos ensinava essas coisas como contrárias à lei, e sim como cumprindo a lei, e implantando em nós as várias justiças dela. Teria sido contrário a lei, se Ele tivesse ordenado aos Seus discípulos fazer qualquer coisa que a lei proibisse. — Livro 4, cap. 13, seq. 1.

Ele também faz da observância do decálogo o teste de verdadeira piedade. Ele diz o seguinte:

Eles (os judeus) tinham, portanto, uma lei, uma norma de disciplina e profecia das coisas futuras. Pois Deus, admoestando-os primeiramente com preceitos naturais, os quais desde o princípio Ele implantou na humanidade, isto é, por meio do decálogo (o qual, se alguém não observa, não tem a salvação), não exigiu mais nada deles. — Livro 4, cap. 15, seq. 1.

Os preceitos do decálogo, ele corretamente chama de “preceitos naturais”, isto é, preceitos que constituem “a obra da lei”, escrita por natureza nos corações de todos os seres humanos, mas desfigurada pela presença da mente carnal ou da lei do pecado nos membros. Que essa lei de Deus pertence igualmente aos judeus e aos gentios, ele confirma da seguinte maneira:

Visto que todos os preceitos naturais são comuns a nós e a eles (os judeus), neles tiveram, de fato, o princípio e a origem; mas em nós eles recebem o crescimento e o acabamento. — Livro 4, cap. 13, seq. 4.

É certo que Irineu defendia que o decálogo é hoje uma obrigação para todos os seres humanos; pois ele menciona isso na citação acima: “o qual, se alguém não observa, não tem a salvação”. Mas, apesar de ser inconsistente com sua declaração a respeito do decálogo como a lei da natureza, ele coloca o sábado na mesma classe da circuncisão, ao falar dela como um sinal entre Deus e Israel, e diz o seguinte: “Os sábados ensinavam que nós devíamos perseverar, dia a dia, no serviço de Deus”. “Além disso, o sábado de Deus, isto é, o reino, foi, por assim dizer, indicado pelas coisas criadas; [reino] no qual o homem que houver perseverado em servir a Deus repousará e tomará parte à mesa de Deus”. Ele também fala de Abraão “sem observância de sábados”. Livro 4, cap. 16, seq. 1 e 2. Mas no mesmo capítulo, ele assegura novamente a perpetuidade e autoridade do decálogo com as seguintes palavras:

Preparando os homens para essa vida, o Senhor proclamou, por Si mesmo, as palavras do decálogo a todos sem distinção; por isso, da mesma forma, elas permanecem para sempre conosco, recebendo, por Sua vinda na carne, extensão e crescimento, e não anulação. — Seq. 4.

Essa declaração estabelece a autoridade de cada um dos dez mandamentos na dispensação do evangelho. No entanto, Irineu parece ter considerado o quarto mandamento apenas como um preceito simbólico, e não uma obrigação perpétua como os demais.

Irineu considerava o sábado como algo que apontava para o reino de Deus. Todavia, ao formular essa doutrina, ele realmente indica a origem do sábado na criação, embora, como já vimos, afirme em outros lugares que o sábado não foi guardado por Abraão. Assim, ao falar sobre a recompensa que será dada aos justos, ele diz:

Isto deve [acontecer] nos tempos do reino, isto é, no sétimo dia, que foi santificado, no qual Deus descansou de toda a obra que tinha criado, o verdadeiro sábado dos justos, no qual não devem se engajar em nenhuma ocupação terrena; mas que estarão diante da mesa preparada para eles por Deus, que os suprirá com todos os tipos de alimentos. — Livro 5, cap. 33, seç. 2.

E em outro lugar ele diz o seguinte:

Esse mundo deverá ser extinto em tantos milênios quanto o número de dias em que ele foi criado... Pois o dia do Senhor é como mil anos, e em seis dias as coisas criadas foram terminadas; é evidente, portanto, que elas terão seu fim no sexto milênio. — Livro 5, cap. 28, seç. 3.

Embora os escritores que defendiam o primeiro dia façam com que Irineu dê um testemunho bem explícito de que o domingo é o sábado cristão, o seguinte fragmento, que constitui o sétimo fragmento do que é chamado “Os Escritos Perdidos de Irineu”, é o único exemplo que encontrei, numa pesquisa cuidadosa em todos os seus escritos, no qual ele menciona o primeiro dia. Aqui está o testemunho completo desse pai acerca do primeiro dia:

Esse [costume] de não dobrar os joelhos no domingo, é um símbolo da ressurreição, pela qual fomos libertos, pela graça de Cristo, dos pecados e da morte, que foi condenado à morte por intermédio Dele. Agora, esse costume teve sua origem nos tempos apostólicos, quando o santo Irineu, o mártir e bispo de Lyon, declara em seu tratado *On Easter* [Acerca da Páscoa], no qual ele também faz menção do Pentecostes: [festa] na qual não dobramos os joelhos, porque ela é tão importante quanto o dia do Senhor, pela mesma razão já apresentada a esse respeito.

Isso é algo muito impressionante. No final das contas, não foi isso o que Irineu disse, mas foi isso que um escritor desconhecido, em uma obra intitulada *Quoes et Resp. ad Othod.*, disse acerca dele. E tudo o que esse

escritor diz sobre Irineu é que ele declara que o costume de não se ajoelhar no domingo “teve sua origem nos tempos apostólicos”! Nem mesmo parece que Irineu sequer tenha usado o termo “dia do Senhor” como um título para o primeiro dia da semana. Seu uso na presente citação, é feito pelo escritor desconhecido a quem devemos a declaração aqui apresentada a respeito de Irineu. E esse escritor, seja quem for, é da opinião de que o Pentecostes é de igual importância ao chamado dia do Senhor! E ele pode bem pensar assim, uma vez que ambas as festas católicas foram estabelecidas apenas pela autoridade da igreja. O testemunho de Irineu a favor do domingo, portanto, é simplesmente o seguinte: Que a ressurreição deve ser celebrada “não dobrando os joelhos no domingo”!

O quinquagésimo fragmento da obra *Lost Writings of Irenaeus* [Escritos Perdidos de Irineu] deriva da *Nitrian Collection of Syriac MSS* [Coleção Nitriana de MSS Siríacos] e aborda a ressurreição dos mortos. Numa nota anexa a ele, o editor siríaco menciona que Irineu “escreveu a um alexandrino afirmando que é correto, em relação à festa da ressurreição, que nós a celebremos no primeiro dia da semana”. Nenhum escrito remanescente de Irineu contém esta declaração, mas é provável que o editor siríaco possuísse alguma porção de suas obras que foi perdida. E aqui, novamente, é digno de nota que temos de Irineu somente o simples termo “primeiro dia da semana”. Quanto à maneira de celebrá-lo, a única coisa que ele apresenta é “não dobrar os joelhos no domingo”.

No trigésimo oitavo fragmento de seus “Escritos Perdidos”, ele cita Colossenses 2:16, mas se foi com referência ao sétimo dia, ou meramente em relação aos sábados cerimoniais, seus comentários não determinam. Cada declaração de Irineu que fala sobre o sábado e o domingo foram aqui apresentadas. Está claro que os defensores da santidade do primeiro dia fizeram Irineu testificar a esse favor para beneficiar a si mesmos. Ele faz alusão ao primeiro dia da semana uma ou duas vezes, mas nunca utiliza para eles o título “dia do Senhor” ou “sábado cristão”, e a única coisa que ele menciona, ao tratar da celebração dessa festa, é que os cristãos não

deveriam ajoelhar-se para orar nesse dia! Os escritores do primeiro dia dizem que Irineu apresenta um testemunho explícito de que o domingo é o dia do Senhor e o sábado cristão! E para acrescentar um grande peso a essa alegação, eles dizem que ele era o discípulo de Policarpo, que era o discípulo de João; e enquanto João fala do dia do Senhor, Irineu, que devia saber o que ele quis dizer com esse termo, diz que o dia do Senhor é o primeiro dia da semana! Mas Policarpo, em sua epístola, nem sequer menciona o primeiro dia da semana, e Irineu, em seus extensos escritos, menciona-o apenas duas vezes — e isso nos “fragmentos perdidos” preservados por segunda mão, e em nenhum caso ele utiliza nada além do simples “primeiro dia da semana”. E a única honra que ele menciona como sendo devida a esse dia é que nele os joelhos não deviam ser dobrados! E isso nem mesmo era dito de todos os domingos do ano, mas apenas do “Domingo de Páscoa”, o aniversário da ressurreição de Cristo!

Poderíamos aqui descartar o caso de Irineu. Mas os nossos amigos defensores do primeiro dia estão determinados a, pelo menos, ligá-lo ao uso do termo “dia do Senhor” como um nome para o domingo. Eles, portanto, apresentam Eusébio, que escreveu 150 anos depois de Irineu, para provar que ele chamou o domingo por esse nome. Eusébio faz alusão à controvérsia, no tempo de Irineu, sobre a celebração *anual* da ressurreição de Cristo, que era chamada de festa da Páscoa. Ele diz (*Ecclesiastical History*, livro 5, cap. 23) que os bispos de diferentes países, entre eles Irineu, decretaram que o mistério da ressurreição de nosso Senhor não deveria ser celebrado em nenhum outro dia senão no dia do Senhor; e que, somente nesse dia deveríamos observar o encerramento dos jejuns pascais, e não no dia quatorze do primeiro mês, como praticado pelo outro grupo. No capítulo seguinte, Eusébio apresenta Irineu escrevendo uma carta nesse sentido ao bispo de Roma. Mas observem, Eusébio não cita as palavras de nenhum desses bispos, simplesmente apresenta a decisão deles em sua própria linguagem. Não existe, portanto, nenhuma prova de que eles usaram o termo “dia do Senhor” ao invés de “primeiro dia da semana”. Mas

temos evidências de que, na decisão desse caso que Irineu apresentou, ele usou o termo “primeiro dia da semana”. Pois a introdução do quinquagésimo fragmento de seus “Escritos Perdidos”, já citada, traz uma declaração antiga das suas palavras sobre essa decisão, contendo o simples termo “primeiro dia da semana”. É Eusébio que nos apresenta o termo “dia do Senhor” ao registrar o que foi dito por esses bispos acerca do primeiro dia da semana. Na sua época, 324 d.C., o termo “dia do Senhor” havia se tornado uma designação comum do domingo. Mas não era assim no tempo de Irineu, em 178 d.C. Nós não encontramos nenhum escritor, antes dele, que aplica esse termo ao domingo; tampouco é aplicado dessa forma por Irineu; e nós não vamos encontrar nenhum exemplo decisivo de tal uso até o fim do segundo século.

TESTEMUNHO DE DIONÍSIO, BISPO DE CORINTO

Esse pai escreveu uma carta à igreja romana por volta de 170 d.C., na qual são encontradas estas palavras:

Passamos este santo dia do Senhor, no qual lemos a carta de vocês e de cuja constante leitura seremos capazes de extrair admoestação, assim como da leitura da outra carta que vocês nos enviaram, escrita por Clemente.

Esse é o uso mais antigo do termo “dia do Senhor” encontrado nos testemunhos dos pais. Mas não pode ser considerado um testemunho decisivo de que o domingo tinha esse título naquele tempo, visto que todos os escritores que precedem Dionísio chamam-no de “primeiro dia da semana”, “oitavo dia”, ou “domingo”, mas nunca, nem sequer uma vez, por esse título; e Dionísio não diz nada indicando que quisesse falar do domingo, ou que mostre que não estivesse se referindo àquele dia que, unicamente, tem o direito de ser chamado “o santo dia do Senhor” (Isaías 58:13). Encontramos vários testemunhos expressos de escritores já analisados em favor da santidade do sábado.

TESTEMUNHO DE MELITO, BISPO DE SARDIS

Esse pai escreveu por volta de 177 d.C. Não temos nada desse escritor, exceto o título de seus livros, que Eusébio preservou para nós. Um desses títulos é o seguinte: “No dia do Senhor”. Mas deve-se lembrar que, até essa época, nenhum escritor chamou o domingo de dia do Senhor; e que todos os que, com certeza, falaram desse dia, chamaram-no por outro nome diferente de “dia do Senhor”. Afirmar, portanto, como o fazem os escritores do primeiro dia, que Melito escreveu sobre o domingo, é falar sem o devido embasamento. Além disso, a palavra “dia” é omitida no grego original de Eusébio. Portanto, não é certo que Melito tenha escrito sobre o dia do Senhor. Ele escreveu sobre algo relacionado ao Senhor. Pode ter sido a ceia do Senhor, como Paulo escreveu, ou a vida do Senhor, como Inácio escreveu.

TESTEMUNHO DO HEREGE BARDESANES

Bardesanes, o sírio, floresceu por volta de 180 d.C. Ele pertencia à seita gnóstica dos Valentianos, e ao abandoná-los, “concebeu seus próprios erros”. Em sua obra *Book of the Laws of Countries* [Livro das Leis dos Países], ele responde aos pontos de vista dos astrólogos que afirmam que as estrelas governam as ações dos homens. Ele mostra a tolice disso, enumerando as peculiaridades de diferentes raças e seitas. Ao fazer isso, ele fala do rigor com o qual os judeus guardavam o sábado. Sobre a nova seita chamada cristianismo, a qual “Cristo, em Seu advento, plantou em todos os países”, ele diz o seguinte:

Em um dia, o primeiro da semana, nos reunimos, e nos dias das leituras nos abstermos de [tomar] sustento.

Isso mostra que os gnósticos usavam o domingo como o dia designado para as reuniões religiosas. Se ele reconhecia outros além dos gnósticos, ou cristãos, não podemos afirmar. No entanto, não encontramos nenhuma alusão ao domingo como um dia de abstinência do trabalho, exceto, o tempo necessário para as suas reuniões. Além disso, não pode-

mos determinar o que significa os seus dias de jejum mencionados. Também é digno de nota que esse escritor, que certamente fala do domingo, e isso tão tarde quanto 180 d.C., não o chama de dia do Senhor, nem lhe atribui qualquer título sagrado, mas fala dele como “primeiro dia da semana”. Até 180 d.C., nenhum escritor conhecido por falar do domingo, chama-o de dia do Senhor.

CAPÍTULO 6



Teófilo — Clemente de Alexandria.

TESTEMUNHO DE TEÓFILO DE ANTIOQUIA

Esse pai tornou-se bispo de Antioquia em 168 d.C., e morreu em 181 d.C. Os escritores que defendem o primeiro dia o apresentam dizendo: “Tanto o *costume* quanto a *razão* nos desafiam a honrar o dia do Senhor, observando que foi nesse dia que nosso Senhor Jesus ressuscitou dos mortos”. Esses escritores, no entanto, não fazem referência ao lugar específico, na obra de Teófilo, onde essa citação é encontrada. Eu examinei cuidadosamente cada um dos parágrafos de todos os escritos restantes desse pai, e fiz isso várias vezes, sem encontrar qualquer declaração desse tipo. Portanto, me sinto compelido a declarar que nada semelhante ao que foi citado acima, pode ser encontrado nos escritos de Teófilo. E além disso, o termo “dia do Senhor” não é utilizado por esse escritor, e nem sequer ele menciona o primeiro dia da semana, exceto ao citar Gênesis 1, em um único caso! Mas, embora não faça nenhuma menção da festa do domingo, ele faz a seguinte referência ao sábado em suas observações acerca da criação do mundo:

Além disso, [eles falaram] acerca do sétimo dia, que todos os homens reconhecem; mas a maioria não sabe que, o que entre os judeus é chamado de “sábado”, é traduzido para o grego como “sétimo” (*hebdomos*), nome que é adotado por todas as nações, embora não saibam por que é assim chamado. — *Teófilo para Autólico*, livro 2, cap. 12.

Embora Teófilo esteja equivocado ao dizer que a palavra hebraica “sábado” é traduzida para o grego como “sétimo”, sua declaração indica que ele defendia a origem do sábado como sendo desde de quando Deus santificou o sétimo dia. Essas são as palavras das Escrituras, como apresentadas por ele, com base nas quais ele escreveu o texto citado acima:

“E Deus terminou no sexto dia a obra que fizera, e descansou no sétimo dia de toda a Sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera.” — Livro 2, cap. 11.

No décimo capítulo desse livro, ele compara aqueles que “guardam a lei e os mandamentos de Deus” às estrelas fixas, enquanto as “estrelas errantes” são “um tipo dos homens que se afastaram de Deus, abandonando Sua lei e Seus mandamentos”. Sobre a lei em si, ele fala o seguinte:

Aprendemos uma santa lei; mas temos como legislador, Alguém que é verdadeiramente Deus, o qual nos ensina a agir com justiça, a ser piedosos e a fazer o bem.

Depois de citar todos os mandamentos, exceto o terceiro e o quarto, ele diz:

“Sobre essa grande e maravilhosa lei que visa a toda justiça, as DEZ CABEÇAS, nós já as mencionamos. — Livro 3, cap. 9.

Ele faz da guarda da lei e dos mandamentos a condição para ter parte na ressurreição para a vida eterna:

Pois Deus nos concedeu uma lei e santos mandamentos, e todo aquele que os guarda pode ser salvo, e, alcançando a ressurreição, pode herdar a incorrupção. — Livro 2, cap. 27.

Todavia, alega-se que esse homem que apresenta um testemunho tão nobre a favor dos mandamentos e da lei, e que não diz nenhuma palavra acerca da festa do domingo, teria falado explicitamente em favor desse suposto sábado cristão!

TESTEMUNHO DE CLEMENTE DE ALEXANDRIA

Esse pai nasceu por volta de 160 d.C., e morreu por volta de 220 d.C. Ele escreveu por volta de 194 d.C., e é o primeiro dos pais que usa o termo “dia do Senhor” de forma a identificá-lo com o primeiro dia da semana. No entanto, ele fala expressamente do sábado como um dia de descanso, e do primeiro dia da semana como um dia de trabalho! A mudança do sábado e a instituição do suposto sábado cristão eram igualmente desconhecidas para ele. Sobre os dez mandamentos, ele diz o seguinte:

Temos o decálogo dado por Moisés, o qual, seguindo um princípio elementar, simples e de um só tipo, define a designação dos pecados de uma maneira que promove a salvação, etc. – *The Instructor* [O Instrutor], livro 3, cap. 12.

Então faz alusão ao sábado da seguinte maneira:

Logo, o Senhor não deixou de fazer o bem enquanto guardava o sábado; mas nos permitiu comunicar dos mistérios divinos, e dessa santa luz àqueles que são capazes de recebê-los. *The Miscellanies* [Miscelâneas], livro 1, cap. 1.

Restringir-se a si mesmo de fazer o bem é obra do vício; mas evitar o mal é o princípio da salvação. Assim, o sábado, pela abstinência dos males, parece indicar domínio próprio. — Livro 4, cap. 3.

Ele afirma que o amor é o Senhor do sábado:

Ele condenou o homem que se gloriava de ter cumprido os preceitos da lei, de não amar seu próximo; e é por intermédio da bondade que o amor que, segundo a escala ascendente dos agnósticos é Senhor do sábado, proclama a si mesmo. — Livro 4, cap. 6.

Referindo-se ao caso dos sacerdotes em Ezequiel 44:27, ele diz o seguinte:

E eles purificam-se a si mesmos por sete dias, período no qual a criação foi acabada. Pois no sétimo dia é celebrado o descanso; e no oitavo,

ele traz uma propiciação, como está escrito em Ezequiel, propiciação segundo a qual a promessa deve ser recebida. — Livro 4, cap. 25.

Chegamos agora ao primeiro caso, nos testemunhos dos pais, em que o termo “dia do Senhor” é expressamente aplicado ao domingo. Clemente é o pai que faz isso, devidamente fundamentando-se em evidências. Ele não diz que São João aplica esse nome dessa maneira, mas encontra autoridade para isso nos escritos do filósofo pagão Platão, o qual ele acredita que tenha falado disso profeticamente!

Acerca do dia do Senhor, Platão fala profeticamente no décimo livro da *República*, usando as seguintes palavras: “E quando sete dias tiverem se passado para cada um deles na planície, no oitavo dia devem partir e chegar em quatro dias”. A planície deve ser compreendida como a região definida, um lugar tranquilo e aprazível, a localidade dos piedosos; os sete dias são interpretados como cada movimento dos sete planetas e toda a arte prática que acelera até o ponto final de descanso. Mas após as órbitas errantes, a jornada conduz ao céu, isto é, ao oitavo movimento e dia. E ele diz que as almas se vão no quarto dia, destacando a passagem através dos quatro elementos. — Livro 5, cap. 14.

O oitavo dia, ao qual Clemente aqui utiliza o termo dia do Senhor, sem dúvida ele refere-se ao primeiro dia da semana, sendo este o dia seguinte após o sábado, ou o sétimo dia. Mas depois de ter falado tudo isso em favor do oitavo dia, logo na próxima sentença ele começa a estabelecer, a partir dos escritores gregos, a santidade desse sétimo dia que os hebreus santificavam. Isso mostra que, não importa o respeito que ele tivesse pelo oitavo dia, ele certamente considerava o sétimo dia como sagrado. Portanto, ele continua:

Mas o sétimo dia é considerado santo, não só pelos hebreus, mas também pelos gregos; de acordo com o qual todo o mundo animal e vegetal se desenvolve. Hesíodo fala o seguinte acerca disso: —

“O primeiro, e o quarto, e o sétimo dias da semana eram considerados santos.”

E novamente: “E no sétimo o sol resplandecente em sua órbita.”

E Homero: “E então no sétimo chegou o dia santo.”

E “O sétimo era santo.”

E novamente: “Era o sétimo dia, e todas as coisas foram acabadas.”

E novamente: “E na sétima manhã nós deixamos o rio Aqueronte.”

Calímaco, o poeta, também escreve: “Era a sétima manhã, e tinham terminado todas as coisas.”

E novamente: “Entre os dias bons está o sétimo dia, e a sétima corrida.”

E: “O sétimo está entre os nobres, e o sétimo é perfeito.”

E:

“Agora todos os sete foram transformados em céu estrelado, em círculos brilhando ao surgirem os anos.”

“As Elegias de Sólon também santificam intensamente o sétimo dia.” Livro 5, cap. 14.

Algumas dessas citações não são encontradas atualmente nos escritos que Clemente cita. E, se ele as emprega corretamente ao sábado do sétimo dia ou não, o fato de aplicá-las é uma prova incontestável de que ele honrava esse dia como sagrado, não importa qual fosse sua consideração pelo dia que ele chama de oitavo.

No livro 6, no capítulo 5, ele faz alusão à celebração de alguns dos sábados anuais. E no capítulo dezesseis, ele comenta acerca do quarto mandamento da seguinte maneira:

E a quarta palavra anuncia que o mundo foi criado por Deus e que Ele *nos deu o sétimo dia como descanso*, por causa das dificuldades que existem na vida, pois Deus é incapaz de ter cansaço, sofrimento e necessitar. *Mas nós, que existimos na carne, necessitamos de descanso. Por isso, o sétimo dia foi proclamado como um descanso* – separação dos males – preparando-nos para o dia primordial, nosso descanso verdadeiro; o qual, na verdade, é a primeira criação da luz,

na qual todas as coisas são vistas e possuídas. Desse dia, a primeira sabedoria e o primeiro conhecimento nos iluminam.

Isso certamente ensina que o sábado foi feito para o ser humano, e que agora precisa dele como um dia de descanso. Também indica que Clemente reconhecia a autoridade do quarto mandamento, pois aborda os dez mandamentos em ordem, e comenta o que cada um ordena ou proíbe. No parágrafo seguinte, porém, ele faz algumas sugestões dignas de nota:

Tendo chegado a esse ponto, é importante mencionar, a propósito, essas coisas, uma vez que o discurso passou a se referir ao sétimo e ao oitavo. É possível, pois, que o oitavo venha a ser de maneira apropriada o sétimo, e o sétimo, manifestamente o sexto, e o último, apropriadamente o sábado, e o sétimo, um dia de trabalho. Pois a Criação do mundo foi concluída em seis dias. — Livro 6, cap. 16.¹

Clemente acredita ser possível que o oitavo dia (domingo) realmente seja o sétimo dia, e que o sétimo dia (sábado) seja de fato o verdadeiro sexto dia. Mas não deixemos que nossos amigos defensores do primeiro dia se alegrem com isso, pois Clemente de forma nenhuma os auxilia. Tendo dito que o domingo pode ser apropriadamente o sétimo dia, e o sábado manifestamente o sexto dia, ele chama “o ÚLTIMO apropriadamente de sábado, e o sétimo, um dia de trabalho”! A expressão “O último” deve ser necessariamente compreendida como o último dia mencionado, o qual ele diz que deveria ser chamado não de sétimo, mas de sexto; e, ao falar “o sétimo”, ele certamente deve ser compreendido como aquele dia o qual ele diz não ser o oitavo, mas o sétimo, isto é, o domingo. Segue-se, portanto, que na opinião de Clemente o domingo era um dia comum de

¹ Notamos que o escritor que defende o primeiro dia está tão determinado a fazer Clemente testemunhar em favor do domingo, que deliberadamente altera suas palavras. Ao invés de apresentar suas palavras como são: “O último, propriamente o sábado”, que nesse caso, como mostra a ligação, ele queria dizer o sétimo dia, ele as apresenta da seguinte maneira: “o oitavo, propriamente o sábado”, fazendo-o com isso chamar o domingo de sábado. Isso é uma fraude notável, mas mostra que as palavras escritas por Clemente não podem ser levadas a apoiar o domingo. Veja “The Lord’s Day” [O Dia do Senhor], de Rev. G. H. Jenks, p. 50.

trabalho, e o sábado, o dia de descanso. Ele teve uma excelente oportunidade de dizer que o oitavo dia, ou domingo, não era apenas o sétimo dia, mas também o verdadeiro sábado, mas ao invés de fazê-lo, ele atribui essa honra ao dia que ele diz não ser o sétimo, mas o sexto, e declara que o real sétimo dia, ou domingo, é “um dia de trabalho”. E prossegue longamente para mostrar a santidade e importância do número seis. Sua opinião sobre a contagem dos dias não é importante; mas o fato de que esse pai o qual é o primeiro escritor a relacionar o termo “dia do Senhor” com o oitavo dia, ou domingo, expressamente apresenta esse dia como um dia de trabalho comum, e também atribui ao dia anterior a honra do sábado, é algo que deveria calar a boca daqueles que o reivindicam como um crente no suposto sábado cristão.

No mesmo capítulo, esse escritor faz vaga alusão ao sábado, aparentemente compreendendo que ele prefigura o descanso que resta ao povo de Deus:

Então, certamente eles consideram o número sete [como] órfão e sem filhos, interpretando o sábado, e figurativamente expressando a natureza do descanso, no qual “nem se casarão, nem se darão em casamento”.

A seguinte citação encerra o testemunho de Clemente. Aqui, ele fala do preceito acerca do jejum, que é cumprido pela abstinência de prazeres pecaminosos. Ele diz o seguinte:

Então, ele jejua segundo a lei, abstendo-se dos maus atos, e, segundo a perfeição do evangelho, dos maus pensamentos. Logo, as tentações lhe são aplicadas, não para sua purificação, mas, como já dissemos, para o bem do seu próximo, caso sendo tentado pelas dificuldades e dores, as tenha desprezado e não feito caso delas. As mesmas situações de prazer. Pois, a conquista é maior para alguém que já tenha experimentado, abster-se posteriormente. Pois que grande coisa é essa, alguém se restringir do que não conhece? Em cumprimento ao preceito, de acordo com o evangelho, o indivíduo

guarda o dia do Senhor quando abandona uma disposição para o mal e assume a do gnóstico, glorificando a ressurreição do Senhor em si mesmo. — Livro 7, cap. 12.

Clemente afirma que uma pessoa verdadeiramente jejuava de acordo com a lei quando se abstém de praticar maus atos, e, de acordo com o evangelho, quando se abstém dos maus pensamentos. Ele mostra como se cumpre o preceito acerca do jejum ao falar de alguém que “em cumprimento do preceito, segundo o evangelho, guarda o dia do Senhor quando abandona uma disposição para o mal”. Esse abandono de uma disposição para o mal, segundo Clemente, representa a guarda do dia do Senhor, e a glorificação da ressurreição do Senhor. Mas esse dever não pertence apenas a um dia da semana, mas a todos igualmente, de forma que ele parece, evidentemente, inculcar um dia do Senhor perpétuo, como Justino Mártir ordena a observância de um “sábado perpétuo”, a ser aceitavelmente santificado por aqueles que observam o verdadeiro arrependimento. Apesar desses autores nem sempre serem consistentes consigo mesmos, ainda assim dois fatos vão mostrar que Clemente nesse livro quis dizer exatamente o que suas palavras literalmente dizem, isto é, que a guarda do dia do Senhor e a glorificação da ressurreição não são a observância de um determinado dia da semana, mas a prática de uma obra que envolve todos os dias da vida de uma pessoa.

1. O primeiro desses fatos encontra-se em sua declaração expressa dessa doutrina, no primeiro parágrafo do sétimo capítulo desse livro onde ele diz o seguinte:

Agora, é-nos ordenado reverenciar e honrar a mesma pessoa, estando convencidos de que Ele é a Palavra, o Salvador e o Líder, e por Ele, o Pai, NÃO EM DIAS ESPECIAIS, COMO EM ALGUNS OUTROS, mas *fazendo isso continuamente por toda a nossa vida*, e em todos os sentidos. Certamente, a raça eleita, justificada pelo preceito, diz: “sete vezes por dia tenho Te louvado”. Onde, *não* em um lugar específico, ou templo escolhido, ou em *determinadas*

festas e em dias designados, mas durante toda a sua vida, o gnóstico em todos os lugares, mesmo se estiver sozinho e onde quer que esteja com aqueles que exercem a mesma fé, honra a Deus; isto é, reconhece sua gratidão pelo conhecimento do caminho para a vida.
— Livro 7, cap. 7.

2. O segundo desses fatos é que, no livro 6, capítulo 16, como já foi citado, ele expressamente apresenta o domingo como “um dia de trabalho”.

Certamente, Clemente de Alexandria não deveria ser mencionado como alguém que ensina a mudança do sábado, ou que defende o suposto sábado cristão.

CAPÍTULO 7



TESTEMUNHO DE TERTULIANO, 200 D.C.

Esse escritor se contradiz da forma mais extraordinária com relação ao sábado e à lei de Deus. Ele afirma que o sábado foi abolido por Cristo, e em outro lugar declara enfaticamente que Ele não o aboliu. Ele diz que Josué violou o sábado, e depois declara expressamente que ele não o violou. Ele diz que Cristo violou o sábado, e então mostra que Ele nunca fez isso. Ele apresenta o oitavo dia como mais honrado do que o sétimo, e em outro lugar declara exatamente o oposto. Ele afirma que a lei foi abolida, e em outros lugares assegura sua obrigação perpétua. Ele fala do dia do Senhor como o oitavo dia, e é o segundo dos escritores antigos que faz uma aplicação desse termo ao domingo, sendo Clemente de Alexandria, em 194 d.C., o primeiro. Mas apesar de ele utilizar o termo como Clemente, ele também, da mesma maneira, ensina acerca de um perpétuo dia do Senhor, ou, como Justino Mártir, um sábado perpétuo mediante a observância de todos os dias. E com a observância do domingo como o dia do Senhor, ele introduz as “ofertas pelos mortos” e o uso perpétuo do sinal da cruz. Mas ele afirma expressamente que essas coisas não repousam sobre a autoridade das Escrituras, mas completamente sobre a autoridade da tradição e do costume. E apesar de ele falar do sábado como tendo sido abolido por Cristo, ele expressamente contradiz essa declaração ao afirmar que Cristo “não revogou o sábado de maneira nenhuma”, e que Ele concedeu santidade adicional a esse dia, que desde o princípio tinha sido santificado pela bênção do Pai. Essa estranha mistura de luz e trevas indica claramente a era em que esse autor vivia. Ele não estava tão distante do tempo dos apóstolos, e muitos raios claros da verdade divina brilharam

sobre ele; mas ele estava tão mergulhado na era da apostasia a ponto de que as densas trevas dela tenham materialmente lhe afetado. Ele permaneceu no limite entre o findar do dia e o cair da noite. Às vezes, a lei de Deus era indescritivelmente sagrada; outras vezes a tradição tinha autoridade maior do que a lei. Algumas vezes, as instituições divinas eram, por si só, preciosas em sua opinião; mas em outras ocasiões, ele ficava mais satisfeito com aquelas que eram sustentadas apenas pelo costume e pela tradição.

A primeira referência de Tertuliano ao domingo é encontrada, em sua Apologia, naquela parte em que ele desculpa a seus irmãos da acusação de adoração ao sol. Ele diz:

Outros, novamente, sem dúvida com mais informações e verossimilhança, creem que o sol é nosso Deus. Seremos considerados persas, talvez, embora não adoremos o astro do dia pintado em um tecido de linho, apresentando-se em todas as partes em sua forma circular. Essa ideia certamente se originou de saberem que nos voltamos para o leste ao orar. Mas vocês, muitos de vocês, fazendo parecer às vezes que estão adorando os astros celestes, movem os lábios para a direção do nascente. Do mesmo modo, se dedicamos o domingo ao regozijo por um motivo bem diferente da adoração ao sol, possuímos certa semelhança com aqueles dentre vocês que dedicam o dia de Saturno à tranquilidade e ao prazer, embora estes também estejam bastante afastados dos costumes judaicos, os quais desconhecem. — *Thelwell's Translation* [Tradução de Thelwell], seq. 16.

Vários fatos importantes são apresentados nessa citação.

1. O domingo era uma antiga festa pagã em homenagem ao sol.
2. Os cristãos que observavam a festa dominical eram chamados pelos pagãos de adoradores do sol.
3. A entrada da festa dominical na igreja, numa era de apostasia em que os homens o honravam de forma bem generalizada, não era apenas fácil de ser efetivada, era na verdade difícil de ser evitada.

Pode-se inferir a partir da frase final que alguns dos pagãos usavam o sétimo dia como um dia de ociosidade e luxúria. Mas a *Mr. Reeve's Translation* [Tradução do Sr. Reeve] apresenta um significado bem diferente. Ela apresenta Tertuliano da seguinte forma:

Nós solenizamos o dia após o sábado, em contraste com aqueles que chamam a esse dia de seu sábado e o devotam à ociosidade e à comilança, desviando-se dos antigos costumes judeus, dos quais eles são, atualmente, muito ignorantes.

As pessoas aqui mencionadas com tanto desprezo não poderiam ser os pagãos, pois eles não chamam nenhum dia de “seu sábado”. Eles também não poderiam ser judeus, como fica claro na forma de expressão usada. Se aceitarmos a tradução do Sr. Reeve, essas pessoas eram cristãos que observavam o sétimo dia. Tertuliano não afirma que a festa dominical era observada por autoridade divina, mas que deveriam distinguir-se daqueles que chamavam o sétimo dia de sábado.

Tertuliano novamente declara que seus irmãos não observavam os dias considerados sagrados pelos judeus.

Não concordamos com os judeus em suas peculiaridades em relação à comida, tampouco com seus dias sagrados. — *Apologia*, seq. 21.

Todavia, os cristãos que não guardavam o sábado porque a festa do domingo, em sua opinião, era mais digna de honra, ou mais conveniente de observar, davam grande importância à observância de outros dias em comum com os pagãos, além do domingo. Assim, Tertuliano acusa-os desse pecado:

O Santo Espírito repreende os judeus acerca de seus dias sagrados. “Os seus sábados, as luas novas, e cerimônias” Ele diz, “a Minha alma odeia”. Para nós, (a quem os sábados são desconhecidos, assim como as luas novas e as festas anteriormente amadas por Deus) o festival de Saturno, as festas de ano novo, de inverno e o festival de Juno são muito frequentados – trocam-se presentes – presentes de

ano novo – os jogos se unem ao seu barulho – os banquetes se unem ao seu ruído! — Oh! Encontramos nas nações melhor fidelidade a seu próprio partido, que não reivindica para si nenhuma solenidade típica dos cristãos! Nem no dia do Senhor, nem no Pentecostes, *mesmo se os tivessem conhecido*, teriam eles tomado parte conosco; pois temeriam se parecer cristãos. Nós, porém, não nos preocupamos se pareceremos *pagãos*! Sempre que há oportunidade de condescender com a carne, vocês a agarram. Não direi os seus próprios dias, mas outros também; pois para os pagãos, cada dia de festa acontece apenas uma vez por ano; já *vocês* têm um dia de festa a cada oitavo dia. — *Sobre Idolatria*, cap. 14.

Esses cristãos da festa dominical, “aos quais os sábados” eram “desconhecidos”, não poderiam ter guardado o domingo como um sábado. Eles nunca tinham ouvido que, por autoridade divina, o sábado foi mudado, do sétimo para o primeiro dia da semana, e que o domingo é o sábado cristão. Permita que qualquer pessoa sincera leia as palavras de Tertuliano acima, e então negue, se puder, que esses que não conheciam o sábado, e observavam festas pagãs, não eram um corpo de cristãos apostatados!

Mais tarde, Tertuliano fará um excelente comentário acerca da sua citação de Isaías. Parece, que da parte de Tertuliano, o suposto dia do Senhor ocorria uma vez a cada oito dias. Se essas palavras fossem tomadas em seu sentido mais óbvio, chegaria um dia depois a cada semana do que na semana anterior, e assim, aconteceria sucessivamente em todos os dias da semana, em ordem, em intervalos de oito dias. Nesse caso, ele bem poderia dizer:

No entanto, *todos* os dias são do Senhor; toda hora e todo o momento é oportuno para o batismo; se houver qualquer diferença na solenidade, na graça não existe qualquer distinção. — *On Baptism* [Sobre o Batismo], cap. 19.

Mas parece que ao utilizar o termo “oitavo dia”, Tertuliano queria dizer domingo. E aqui apresentamos um comentário dele sobre a maneira de guardá-lo:

Ainda sobre o assunto de se *ajoelhar*, a oração está sujeita a uma diversidade de observâncias, mediante o ato de alguns poucos que se abstêm de se ajoelhar aos sábados. E visto que essa divergência está sendo vivenciada nas igrejas, o Senhor dará a graça de que os dissidentes cedam ou então pratiquem sua opinião sem ofender os outros. Nós, porém, (assim como recebemos), somente no dia da ressurreição do Senhor, devemos nos guardar não só de nos ajoelhar, mas de toda a postura e ocupação de preocupação; deixando de lado até mesmo nossos negócios, para não darmos lugar ao Diabo. De maneira semelhante também no período do Pentecostes, o qual distinguimos pela mesma solenidade de exultação. Mas quem hesitaria em prostrar-se diante de Deus *todos* os dias, pelo menos para a primeira oração com a qual iniciamos o dia? — *Tertullian on Prayer* [Sobre a Oração], cap. 23.

Uma tradução mais literal dessa passagem expressamente conectaria o termo “dia do Senhor” ao dia da ressurreição de Cristo, sendo o original “die dominico resurrexionis”. A honra semanal especial que Tertuliano desejava que os homens conferissem somente ao domingo era o ato de *ficar de pé* durante a oração nesse dia. E, de certa forma, para o seu descontentamento, “alguns poucos” agiam assim com relação ao sábado. Existe, no entanto, alguma referência à interrupção de se fazer negócios no domingo. E isso é digno de nota, pois é a primeira frase que descobrimos, que parece falar de abstinência do trabalho no domingo, e não encontraremos nenhuma outra antes da época da famosa lei dominical de Constantino, de 321 d.C.

Mas essa passagem está longe de afirmar que trabalhar no domingo era pecado. Ela fala de “deixar de lado até mesmo nossos negócios”; mas isso não implica, necessariamente, em nada além de seu adiamento du-

rante as horas devotadas ao serviço religioso. E não encontraremos nada nos escritos de Tertuliano e nem nos escritos de seus contemporâneos, que vá além disso, enquanto encontraremos muito para nos restringir à interpretação de suas palavras aqui apresentadas. Tertuliano não podia dizer que os sábados eram estranhos a ele e a seus irmãos, se eles religiosamente se abstinham de trabalhar a cada domingo. Mas vamos ouvi-lo novamente acerca da observação do domingo e de práticas análogas:

Também tomamos, em reuniões antes do amanhecer, das mãos de ninguém menos que o presidente, o sacramento da Eucaristia, o qual o Senhor ordenou que fosse tomada nos horários das refeições e determinou que fosse partilhado por todos [igualmente]. Com a mesma frequência com que o aniversário ocorre, fazemos ofertas pelos mortos como homenagens natalícias. Consideramos ilícito jejuar ou ajoelhar em adoração no dia do Senhor. Nós nos alegamos no mesmo privilégio também desde a Páscoa até o Pentecostes. Ficamos contristados quando algum pão ou vinho, mesmo que seja nosso é lançado ao chão. A cada passo e movimento, a cada entrada e saída, quando nos vestimos e nos calçamos, ao tomarmos banho, ao nos sentar à mesa, ao ascender a luz, ao repousar, ao sentar, em todas as atividades comuns da vida diária, fazemos na testa o sinal [da cruz].

Se vocês insistirem em encontrar ordens bíblicas claras para estas e outras regras, não as acharão. A tradição lhes será apresentada como sua originadora, o costume como aquilo que as fortalece, e a fé como o elemento que conduz à sua observância. Que a razão apoiará a tradição, o costume e a fé, vocês mesmos perceberão, ou aprenderão de quem já o percebeu. — *De Corona*, seq. 3 e 4.

Ele expressamente nomeia as coisas que ele considerava ilícitas no domingo. São elas: jejuar e ajoelhar nesse dia. Mas o trabalho comum não entra na sua lista de coisas ilícitas nesse dia. E agora, observem o progresso que a apostasia e a superstição haviam feito também em outras coisas. “Ofertas pelos mortos” eram feitas regularmente, e o sinal da cruz era repetido tantas

vezes quantas Deus gostaria que as pessoas repetissem Seus mandamentos. Veja Deuteronômio 6:6-9. E agora, se você deseja conhecer a autoridade de Tertuliano para a festa dominical, as ofertas pelos mortos e o sinal da cruz, ele lhe diz francamente qual é. Ele não tinha autoridade das Escrituras. O costume e a tradição eram tudo o que ele podia oferecer. Teólogos modernos podem encontrar muita autoridade, das Escrituras, como afirmam eles, para guardar o suposto dia do Senhor. Tertuliano não encontrou nenhuma. Ele adotou a festa dominical, as ofertas pelos mortos e o sinal da cruz baseadas na autoridade do costume e da tradição; se você adota o primeiro sob tal autoridade, porque não adotar também os outros dois?

Mas Tertuliano acha necessário escrever uma segunda defesa em favor de seus irmãos, da acusação de serem adoradores do sol, uma acusação diretamente relacionada à sua observância da festa do domingo. Aqui estão suas palavras:

Outros, com consideração maior pelas boas maneiras, deve-se confessar, supõem que o sol é o deus dos cristãos, pois é fato bem conhecido que oramos voltados para o leste, ou porque fazemos do domingo um dia de festividade. Qual o problema? Por acaso vocês fazem menos do que isso? Não há tantos dentre vocês que, fingindo às vezes adorar os astros celestes, movem os lábios da mesma maneira na direção do nascer do sol? Foram vocês, de todo modo, que chegaram até a admitir o sol no calendário semanal, e escolheram o dia dele (o domingo), em preferência ao dia anterior, ou como o dia mais adequado da semana para uma abstinência completa de banho, ou pelo menos adiando-o até o fim da tarde, ou como dia para descansar e se banquetear. Ao lançarem mão de tais costumes, vocês se desviam deliberadamente de seus próprios ritos religiosos, aderindo a práticas de estrangeiros. Pois as festas judaicas são o sábado e a purificação, sendo também judaicas as cerimônias das lâmpadas, e as festas dos pães asmos, e as “orações literais”, todas instituições e práticas que, naturalmente, são separadas de seus deuses. Dessa forma, para que eu volte dessa divagação, vocês

que nos censuram com o sol e com domingo, deveriam considerar sua proximidade conosco. Nós não estamos muito distantes do seu saturno e dos seus dias de descanso. — *Ad Nationes*, livro 1, cap. 13.

Tertuliano se refere, nesse discurso, às nações ainda idólatras. Em algumas delas, o domingo era uma festa antiga e que havia sido estabelecida entre os romanos numa data relativamente recente, embora anterior ao tempo de Justino Mártir, o primeiro escritor cristão em quem é encontrada uma menção autêntica desse dia. Os pagãos reprovavam os primeiros cristãos dominicais, dizendo que estes eram adoradores do sol, “porque”, nas palavras de Tertuliano, “nós oramos na direção do leste, ou porque fazemos do domingo um dia de festividade”. E como Tertuliano responde a essa grave acusação? Ele não poderia dizer que nós, por ordenação de Deus, honramos o primeiro dia da semana, pois ele expressamente declara, numa citação anterior, que tal preceito não existe. Então ele responde assim: “Qual é o problema? Por acaso vocês [pagãos] fazem menos do que isso? E ele acrescenta: “Vocês escolheram o seu dia [dia do sol] de preferência ao dia que o precede” (sábado), etc. Ou seja, Tertuliano deseja saber por que, se os pagãos podiam escolher o domingo de preferência ao sábado, os cristãos não poderiam ter o mesmo privilégio! Poderia existir uma evidência ocasional mais forte de que o domingo era valorizado pelos primeiros cristãos apóstatas, não por ter sido ordenado por Deus, mas porque era observado de forma generalizada por seus vizinhos pagãos e, portanto, mais conveniente para eles?

Mas Tertuliano, em seguida, compartilha sua fé nos dez mandamentos como “as regras da nossa vida regenerada”, ou seja, as regras que governam os cristãos; e ele apresenta a preferência do sétimo dia sobre o oitavo:

Também devo dizer algo sobre o período do nascimento da alma, para que não omita nenhum incidente em todo o processo. Um parto maduro e regular ocorre, geralmente, no começo do décimo mês. Aqueles que teorizam acerca de números, honram o algarismo dez como o pai de todos os outros, capaz de comunicar perfeição

ao nascimento humano. De minha parte, prefiro ver essa medida de tempo em referência a Deus, como se ela significasse, mais propriamente, que os dez meses [de gestação] introduzem o ser humano aos dez mandamentos, de forma que a estimativa numérica do tempo necessário para consumir nosso nascimento natural corresponde à classificação numérica das *regras de nossa vida regenerada*. Mas visto que o nascimento se completa também no sétimo mês, eu reconheço mais prontamente nesse número do que no oitavo a honra de harmonia numérica com o período sabático. Assim, o mês em que a imagem de Deus é às vezes produzida em um nascimento humano, corresponde, numericamente, ao dia em que a criação divina foi concluída e santificada. — *De Anima*, cap. 37.

Esse tipo de raciocínio, é obviamente, destituído de qualquer força. Mas ao apresentar tal argumento, Tertuliano confessa sua fé nos dez mandamentos como a regra da vida cristã, dá preferência ao sétimo dia como o sábado, e conclui que a origem do sábado foi o ato de Deus em santificar o sétimo dia na criação.

Embora Tertuliano, em outros lugares, como veremos, fale levianamente da lei de Deus, e a apresente como tendo sido abolida, seu próximo testemunho honra essa lei com toda a santidade, e, ao reconhecer o sábado como um de seus preceitos, ele reconhece a autoridade de todo o código. Ele diz o seguinte:

De quão profunda culpa, então, o adultério — que é de igual maneira uma forma de fornicação, que deve ser considerado de acordo com a sua função penal, a lei de Deus primeiro vem à mão para nos mostrar, se é verdade [de fato é], que, depois de proibir o serviço supersticioso dos deuses estrangeiros, e a própria fabricação de ídolos, depois de ordenar [à observância religiosa] a veneração do sábado, depois de ordenar um respeito religioso aos pais, os segundos [somente nesse caso] depois de Deus, [essa lei] estabeleceu, como o próximo substrato para reforçar e fortalecer essas

contagens, nenhum outro preceito além de “Não adulterarás”. — *On Modesty* [Sobre Modéstia], cap. 5.

E acerca esse preceito, Tertuliano nos diz que ele se encontra “em primeiro plano em relação à santíssima lei, destacando-se entre os *principais preceitos do edito celestial*”.

Nesse tratado “On Fasting” [Sobre o Jejum], capítulo 14, ele classifica “o sábado – como um dia que nunca deve ser guardado como jejum, exceto por ocasião da Páscoa, de acordo com uma razão apresentada em outro lugar”. E no capítulo 15, ele não inclui “os sábados” e “os dias do Senhor” nas duas semanas nas quais não se ingeria alimento.

Mas em sua “Answer to the Jews” [Resposta aos Judeus], no capítulo 2, ele apresenta a lei como tendo sido bastante modificada desde Adão até Cristo; ele nega “que o sábado ainda deve ser observado”; classifica-o junto com a circuncisão; declara que Adão não era “observador do sábado”; afirma o mesmo de Abel, Noé, Enoque e Melquisedeque, e afirma que Ló “foi libertado da conflagração dos sodomitas” “por méritos da justiça, sem a observância da lei”. E no começo do capítulo três, ele novamente classifica o sábado junto com a circuncisão, e afirma que Abraão não “observava o sábado”.

No capítulo 4, ele declara que “a observância do sábado” era “temporária”. E ele continua da seguinte forma:

Pois os judeus dizem que no princípio Deus santificou o sétimo dia, nele descansando de todas a obra que tinha feito; e que foi dali então, semelhantemente, que Moisés também disse ao povo: “Lembrem-se dos dias de sábado”, etc.

Veja agora como Tertuliano e seus irmãos descartam esse mandamento acerca do sétimo dia:

Por isso, nós [cristãos] entendemos que *nós*, com maior intensidade, devemos observar um sábado de toda ‘obra servil’ continuamente, e não só a cada sétimo dia, mas o tempo inteiro.

Isso quer dizer, em linguagem clara, que eles, sob o pretexto de guardar todos os dias como um sábado, não somente trabalhariam no sétimo dia da semana, mas também em todos os outros dias. Mas isso prova claramente que Tertuliano não pensava que o sétimo dia tinha sido substituído pelo primeiro. E assim ele prossegue:

E mediante isso levanta-se a questão, para nós, de *qual* sábado Deus desejava que guardássemos.

Nossos amigos defensores do primeiro dia citam Tertuliano em favor do que eles chamam de sábado cristão. Se acreditasse em tal instituição, ele certamente teria evidenciado isso na resposta a essa questão. Mas observe a sua resposta:

Pois a Escritura aponta para um sábado eterno e um sábado temporal. Pois Isaías, o profeta, diz: “Os *seus* sábados, a Minha alma odeia”. E em outro lugar, ele diz: “Os Meus sábados tens profanado”. Por isso, nós discernimos que o sábado temporal é humano, e o sábado eterno é divino.

Esse sábado temporal é o sétimo dia; e o sábado eterno é a guarda de todos os dias igualmente, como Tertuliano afirma que ele e os que com ele estavam guardavam.

Em seguida, ele declara que a profecia de Isaías a respeito do sábado na nova Terra (Isaías 66:22, 23), foi “cumprida no tempo de Cristo, quando toda a carne — isto é, todas as nações vieram adorar a Deus, o Pai, em Jerusalém”. E acrescenta: “Assim, portanto, antes desse sábado temporal [o sétimo dia], havia também um sábado eterno previsto e predito”, isto é, a guarda de todos os dias igualmente. E ele reforça isso pela afirmação de que as pessoas santas, antes de Moisés, não observavam o sétimo dia. E como prova de que o sábado era um dia que cessaria, ele cita a marcha ao redor de Jericó por sete dias, dos quais um desses certamente era sábado. E a isso ele acrescenta o caso de Macabeu, que lutou algumas batalhas no

sábado. No devido tempo veremos quão maravilhosamente ele responde a objeções como essas, levantadas por ele mesmo.

No capítulo 6, ele repete sua teoria do “sábado temporal” [o sétimo dia] e o “sábado eterno”, ou o “sábado espiritual”, que significa “observar um sábado de toda ‘obra servil’, continuamente, e não só a cada sétimo dia, mas o tempo inteiro”.

No vigésimo capítulo de seu primeiro livro contra Marcião, Tertuliano cita Oseias 2:11, e Isaías 1:13, 14, para provar que o sábado foi anulado. Em seu quinto livro contra Marcião, no capítulo 4, ele cita Gálatas 4:10; João 19:31; Isaías 1:13, 14; Amós 5:21, e Oseias 2:11, para provar que “o Criador aboliu Suas próprias leis”, e que Ele “destruiu as instituições que Ele mesmo havia estabelecido”. Essas citações são aparentemente designadas para provar que o sábado foi abolido, mas ele não entra em discussão sobre elas; mas no décimo nono capítulo do livro ele cita Gálatas 2:16, 17, e simplesmente diz o seguinte sobre a lei: “Aqui o apóstolo ensina claramente como ele foi abolido, passando da sombra para a substância — isto é, dos tipos simbólicos para a realidade, que é Cristo”. Essa observação é verdadeira e excluiria justamente a lei moral dessa abolição.

Mas no capítulo vinte e um de seu segundo livro contra Marcião, ele responde às próprias objeções que ele mesmo alardeou contra o sábado em outros lugares, como percebemos, extraídas do caso de Jericó. Ele diz o seguinte a Marcião:

Vocês, porém, não devem considerar a lei do sábado, pois são as obras humanas e não as divinas, que a ela mesma proíbe. Pois está escrito: “Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus; não farás nenhum trabalho”. Que trabalho? O seu próprio, obviamente. A conclusão é que Ele [Deus] remove do dia de sábado aquelas obras que antes havia ordenado para os seis dias, isto é, as suas próprias obras; em outras palavras, as obras humanas da vida diária. Agora, o transporte da arca, evidentemente, não é um dever diário comum, menos ainda

humano; mas uma obra rara e sagrada e, por ter sido ordenada por preceito direto de Deus, uma obra divina.... Assim, neste caso, há uma distinção clara acerca da proibição sabática de obras humanas, não das divinas. Portanto, o homem que saiu e ajuntou lenha no dia de sábado, foi punido com a morte. Pois foi a sua própria obra que ele realizou e isto a lei proibia. Aqueles, porém, que carregaram a arca ao redor de Jericó no sábado, assim fizeram e ficaram impunes. Pois não executaram a sua própria obra, mas a obra de Deus, e isto, segundo Sua ordem expressa.

No capítulo seguinte ele cita novamente Isaías 1:11-14, como prova de que o sábado foi abolido. No entanto, agora ele explicará esse texto, que tantas vezes usou contra o sábado, e para mostrar que, na realidade, ele não tem tal significado. Nesse meio tempo, ele vai declarar novamente que Josué não violou o sábado e, tendo feito isso, pensará ser oportuno afirmar novamente que “o sábado, na realidade, foi transgredido por Josué”. Em seu quarto livro contra Marcião, no capítulo 12, ele discute a questão se Cristo, como Senhor do sábado, tinha o direito de anular o sábado, e se durante Sua vida, Ele realmente o violou. Para fazer isso, ele cita novamente o caso de Jericó, e na realidade afirma que o sábado foi transgredido naquela ocasião, e ao mesmo tempo nega que isso tenha acontecido. Ele diz o seguinte:

Se Cristo interferiu no sábado, ele simplesmente agiu seguindo o exemplo do Criador; visto que, durante o cerco da cidade de Jericó, o ato de transportar a arca da aliança ao redor do muro por oito dias consecutivos, e, portanto, num dia de sábado, na verdade anulou o sábado por ordem do Criador – de acordo com a opinião daqueles que pensam isso sobre Cristo [Lucas 6: 1-5], em sua ignorância de que nem Cristo nem o Criador violaram o sábado, como mostraremos pouco a pouco. Todavia, o sábado foi, de fato, transgredido por Josué, para que a presente acusação também possa ser usada contra Cristo.

O sábado não foi violado no caso de Jericó, contudo ele certamente foi violado lá! Tertuliano acrescenta que, se Cristo odiava o sábado, Ele

seria, nesse aspecto, como o próprio Criador, que declara [Isaías 1:14] que o odeia. Ele se esquece de que o Criador expressamente declarou Sua grande consideração pelo sábado por meio desse mesmo profeta [cap. 58:13, 14], e passa por alto o fato de que o que Deus odeia é a conduta hipócrita do povo, como demonstrada em Isaías 1. Em seu quarto livro contra Marcião, no capítulo 16, Cristo é mencionado como o Senhor do sábado, mas nada é dito acerca das obrigações sabáticas. No capítulo 30 desse mesmo livro, ele faz alusão à cura realizada por Cristo no dia de sábado, mencionada em Lucas 13:11-16, e diz: “Quando, portanto, Ele fez uma obra de acordo com as condições prescritas pela lei, Ele confirmou, ao invés de transgredir, a lei”, etc.

No décimo segundo capítulo desse livro, porém, ele afirma muitas coisas relativas a Cristo. Ele diz que os discípulos, ao debulhar as espigas de milho no sábado “tinham transgredido o santo dia. Cristo os desculpa e torna-Se seu cúmplice na transgressão do sábado”. Ele argumenta que, como o sábado, desde o princípio — que aqui ele indica como a queda do maná, embora em outros lugares ele o tenha datado desde a criação — nunca foi designado como um dia de jejum, o Salvador agiu corretamente ao justificar o ato dos discípulos na plantação de milho. E ele cita o exemplo de Davi, um “precedente disfarçado” para justificar o ato de comer o milho. Mas embora ele apresente o Salvador como se estivesse “anulando o sábado”, nessa ocasião, ele também afirma que, nesse mesmo caso, “Ele mantém a honra do sábado como um dia que deve ser livre de tristeza, não de trabalho”. Ele justifica o Salvador em Seu ato de curar no sábado, declarando que nisso Ele estava fazendo aquilo que a lei do sábado não proibia. A seguir, Tertuliano afirma exatamente o inverso de muitas coisas que ele havia antecipado contra o sábado, e até responde suas próprias objeções contra esse dia. Ele diz o seguinte:

Para que pudesse, enquanto permitia a quantidade de trabalho que estava prestes a realizar por uma alma, lembrá-los de quais tipos de obras a lei do sábado proibia — as obras humanas; e quais ela

ordenava — as obras divinas, que podem ser feitas para o benefício de qualquer alma. Ele foi chamado de ‘Senhor do sábado’ porque afirmava que o sábado era Sua própria instituição. Agora, mesmo se Ele tivesse anulado o sábado, Ele teria o direito de fazê-lo, sendo seu Senhor, [e] ainda mais como Aquele que o instituiu. Mas Ele não o destruiu completamente, muito embora fosse seu Senhor, para que possa, daqui em diante, ficar claro que o sábado não foi transgredido pelo Criador, nem mesmo quando a arca foi carregada ao redor de Jericó. Pois isso foi obra de Deus, a qual Ele mesmo ordenou, e a qual Ele ordenou por causa das vidas dos Seus servos, quando expostos aos perigos da guerra. — Livro 4, cap. 12.

Nesse parágrafo, Tertuliano explica a lei de Deus de uma maneira muito clara. Ele mostra, acima de qualquer dúvida, que nem Josué nem Cristo jamais a violaram. Ele também declara que Cristo não aboliu o sábado. Na passagem seguinte ele responde mais admiravelmente à sua própria repetida perversão de Isaías 1:13, 14, contradizendo alguns de seus sérios erros. Ouça-o:

Embora, em determinado lugar Ele tenha expressado uma aversão aos sábados, chamando-os “*seus sábados*”, imputando-os como sábados dos seres humanos, e não Seus próprios — porque eram celebrados sem o temor de Deus, por um povo cheio de iniquidades que amavam a Deus “com os lábios, mas não com o coração” — ainda assim Ele colocou os Seus sábados (isto é, aqueles que foram guardados de acordo com essa prescrição) em uma posição diferente; pois, em uma passagem posterior do mesmo profeta, ele declara que eles são “verdadeiros, deleitosos e invioláveis”. [Isaías 58:13; 56:2.] Assim, *Cristo não revogou o sábado de maneira nenhuma*: Ele guardou a lei referente a esse dia. No caso anterior, realizou uma obra benéfica para a vida de Seus discípulos (pois permitiu que se alimentassem quando estavam famintos), e, neste caso, curou a mão ressequida. Em ambas as situações, deixou que os fatos anunciassem: ‘Não vim

para destruir a lei, mas, sim, para cumpri-la”, portanto Marcião teve sua boca amordaçada com essas palavras.

Aqui Tertuliano mostra que Deus não odiava os Seus próprios sábados, apenas a hipocrisia daqueles que professavam guardá-lo. Ele também declara expressamente que o Salvador “não revogou o sábado de maneira nenhuma”. E agora que ele está com a mão na massa, ele não vai parar até que tenha testificado a favor de uma nobre confissão sabatista de fé, atribuindo a origem do sábado à criação, e perpetuando a instituição com salvaguardas divinas e santidade adicional. Além disso, ele afirma que o adversário de Cristo [Satanás] gostaria que Ele tivesse adotado isso com relação a outros dias, — um duro golpe sobre aqueles que, nos tempos modernos, tão resolutamente sustentam que Ele consagrou o primeiro dia da semana para tomar o lugar do dia de descanso do Criador. Ouça Tertuliano novamente, que continua da seguinte forma:

Pois, até mesmo no caso diante de nós, Ele [Cristo] cumpriu a lei, enquanto interpretava a natureza dela. [Além disso], Ele mostrava em clara luz os diferentes tipos de obras, enquanto fazia aquelas que estavam dentro dos limites da santidade do sábado, [e] enquanto conferia ao próprio dia de sábado, que *desde o princípio* fora consagrado pela bênção do Pai, uma santidade adicional por meio de Suas próprias ações beneficentes. Pois Ele forneceu salvaguardas divinas a esse dia — um procedimento que Seu adversário teria adotado com relação a outros dias, a fim de evitar a honra ao sábado do Criador e a restituição, devida ao sábado, das obras apropriadas a esse dia. Uma vez que, de maneira semelhante, o profeta Eliseu restaurou à vida, nesse dia, o filho morto da mulher sunamita, veja você, Oh! fariseu, e você também, Oh! Marcião, como era [o uso adequado] dos antigos sábados do Criador para o fazer o bem, para salvar a vida e não destruí-la; como Cristo não introduziu nada novo, que não fosse segundo o exemplo, a gentileza, a misericórdia e também a presciência do Criador. Pois nesse mesmo exemplo Ele faz o anúncio profético de uma cura específica: “As mãos enfraque-

cidas são fortalecidas”, da mesma maneira que “os joelhos débeis” do enfermo paralítico foram fortalecidos. — *Tertuliano contra Marcião*, livro 4, cap. 12.

Tertuliano erra em sua referência à mulher sunamita. Não era dia de sábado que ela foi ao profeta (2 Reis 4:23). Mas nos últimos três parágrafos citados dele, que em sua obra formam uma declaração contínua, ele afirma muitas verdades importantes que são dignas de cuidadosa enumeração. São as seguintes:

1. Cristo, ao determinar o que deveria e o que não deveria ser feito no sábado, “foi chamado ‘Senhor do sábado’, pois Ele guardou esse dia como Sua própria instituição”.

2. “O sábado não foi quebrado pelo Criador, nem mesmo quando a arca foi carregada ao redor de Jericó”.

3. A razão pela qual Deus expressa sua aversão aos “seus sábados”, como se eles fossem “sábados dos seres humanos, não Seus próprios”, foi “porque eles eram celebrados sem o temor de Deus, por um povo cheio de iniquidades”. Veja Isaías 1:13, 14.

4. “Pelo mesmo profeta [Isaías 58:13, 56:2], declara que eles [os sábados] são ‘verdadeiros, deleitosos e invioláveis’.

5. “Assim Cristo, não revogou o sábado de maneira nenhuma”.

6. “Ele guardou a lei referente a esse dia”.

7. “O próprio dia de sábado, que desde o princípio foi consagrado pela bênção do Pai”. Essa linguagem atribui expressamente a origem do sábado ao ato do Criador no encerramento da primeira semana do tempo.

8. Cristo conferiu ao sábado “uma santidade adicional por meio de Suas próprias ações benéficas”.

9. “Ele forneceu salvaguardas divinas a esse dia — um procedimento que Seu adversário teria adotado com relação a outros dias, a fim de evitar a honra ao sábado do Criador e a restituição, devida ao sábado, das obras apropriadas a esse dia”.

Essa última declaração é, de fato, muito interessante. Cristo forneceu ao “sábado do Criador”, o sétimo dia, “salvaguardas divinas”. Seu adversário [o adversário de Cristo é o Diabo] teria “adotado” esse procedimento “com relação a outros dias”. Isto quer dizer que o Diabo teria se agrado se Cristo tivesse consagrado outros dias, ao invés de acrescentar mais santidade ao sábado de Seu Pai. O que Tertuliano diz que o Diabo teria se agrado se Cristo tivesse feito, é o que os nossos amigos defensores do primeiro dia agora afirmam que Ele fez, no estabelecimento do que eles chamam de sábado cristão! No entanto, nunca se ouviu falar de uma instituição como essa nos dias dos supostos pais cristãos. Apesar das muitas declarações errôneas de Tertuliano acerca do sábado e da lei, aqui ele apresentou um nobre testemunho em favor da verdade, e isso encerra suas palavras.

CAPÍTULO 8



Fabiano – Orígenes – Hipólito – Novaciano

TESTEMUNHO DAS EPÍSTOLAS E DECRETOS DO PAPA FABIANO

Esse homem foi bispo de Roma de 236 d.C. a 250 d.C. As cartas atribuídas a Fabiano provavelmente foram escritas em uma data consideravelmente posterior. Porém, as citamos, justamente no ponto do tempo em que se alega terem sido escritas. Seu testemunho é de pequena importância, mas elas respiram o espírito de arrogância de um bispo de Roma. Nós as citamos da seguinte forma:

Vocês precisam saber o que tem sido feito nas coisas sagradas na igreja de Roma, para que, ao seguir seu exemplo, possam ser considerados como verdadeiros filhos dela que é chamada a mãe de vocês. Assim, como recebemos essa instituição de nossos pais, nós mantemos sete diáconos na cidade de Roma, distribuídos sobre sete distritos do estado, que administram os serviços que lhes são ordenados, semana após semana, e no dia do Senhor, e nas festas solenes, etc. — *Epistle First* [Epístola Primeira].

É dito que esse papa promulgou o seguinte decreto, que contém a única outra referência ao suposto dia do Senhor encontrada nos escritos atribuídos a ele:

Nós decretamos que, a cada dia do Senhor, a oblação do altar deve ser feita por todos os homens e mulheres, com pão e com vinho, a fim de que, por meio desses sacrifícios, eles possam ser libertos do

fardo dos seus pecados. — *Decrees of Fabian* [Decretos de Fabiano], livro 5, cap. 7.

Nessas citações, vemos que a igreja romana é feita mãe de todas as igrejas, e também que o bispo romano julga-se o legítimo governante de todo o povo cristão. E é por seguir de perto essas características da grande apostasia, que o papa, ao invés de apontar os homens pecadores para o sacrifício feito no calvário, procurou “decretar que, a cada dia do Senhor”, todas as pessoas deviam oferecer uma “oblação” de “pão e vinho”, sobre o altar, “a fim de que, por intermédio DESSES SACRIFÍCIOS eles pudessem ser libertos do fardo de seus pecados”!

TESTEMUNHO DE ORÍGENES

Orígenes nasceu por volta de 185 d.C., provavelmente em Alexandria, no Egito. Ele era um homem de grande conhecimento, mas infelizmente adotou um sistema espiritual de interpretação das Escrituras, que foi o meio pelo qual a igreja foi inundada com muitos erros. Ele escreveu durante a primeira metade do terceiro século. Eu examinei cuidadosamente todos os escritos de cada um dos escritores cristãos que antecederam ao Concílio de Niceia, com exceção apenas de Orígenes. Até o momento não consegui obter algumas das suas obras. Por enquanto, apresento o testemunho completo de todos os outros pais sobre o assunto em questão, considerando que não posso dizer isso no caso dele. Todavia, posso apresentar seu testemunho com suficiente plenitude para que ele seja visto sob uma perspectiva justa. Sua primeira referência ao sábado é uma negação de que o mesmo deve ser compreendido literalmente. Ele diz o seguinte:

Existem incontáveis multidões de crentes que, embora incapazes de desdobrar de forma metodológica e clara os frutos de sua compreensão espiritual, estão, contudo, convencidos, mui firmemente, de que nem a circuncisão, nem o descanso do sábado, nem o derramamento do sangue de um animal devem ser compreendidos literalmente, e nem que Deus tenha dado respostas a Moisés

sobre esses pontos. E esse método de aprendizagem é, sem dúvida, sugerido às mentes de todos pelo poder do Espírito Santo. — *De Principiis*, livro 2, cap. 7.

Orígenes afirma que a interpretação espiritual das Escrituras, pela qual seu significado literal é posto de lado, é algo divinamente inspirado! Mas quando isso é aceito como verdade, quem pode entender o que querem dizer pelo que estão falando?

No capítulo seguinte, ele cita Isaías 1:13, 14, mas com referência ao assunto da alma, e não ao assunto do sábado. No capítulo 11, fazendo novamente alusão ao significado oculto das coisas ordenadas nas Escrituras, ele afirma que, quando o cristão “retorna a Cristo”, o indivíduo verá também, entre outras coisas enumeradas, “as razões para os dias de festa, para os dias santos, e para todos os sacrifícios e purificações”. Então, parece que Orígenes pensava que o significado espiritual do sábado, o qual ele apresentou em substituição ao literal, deveria ser conhecido somente no estado futuro!

No livro 4, capítulo 1, ele cita Colossenses 2:16, mas não faz nenhuma exposição de seu significado. Mas tendo afirmado que as coisas ordenadas na lei não deviam ser entendidas literalmente, e, tendo sugerido que seu significado oculto não pode ser conhecido até que os santos estejam com Cristo, ele prossegue, na sessão 17 desse capítulo, tentando provar que a interpretação literal da lei é impossível. Um dos argumentos com os quais ele prova seu ponto é que os homens foram ordenados a não sair de suas casas no sábado. Assim, ele cita e comenta Êxodo 16:29:

“Cada um fique onde está, ninguém saia do seu lugar no sétimo dia”; preceito que é impossível de se observar literalmente; pois ninguém pode permanecer sentado um dia inteiro de modo a não se mover do lugar onde se sentou.

Orígenes cita um certo samaritano que declara que um indivíduo não deve mudar de postura no sábado; e acrescenta: “além disso, a ordem que diz: ‘não leve cargas no dia de sábado’, me parece uma impossibilidade”.

Esse argumento é emoldurado a fim de provar que as Escrituras não devem ser consideradas em seu sentido literal. Mas, caso ele tivesse citado o texto corretamente, não haveria nenhuma força para o seu argumento. Eles não deveriam sair para colher o maná, mas foram ordenados expressamente a usar o sábado para santas convocações, isto é, para assembleias religiosas (Levítico 23:3). E quanto aos fardos mencionados em Jeremias 17:21-27, eles são suficientemente explicados em Neemias 13:15-22. Razões como estas por negar o óbvio, o simples significado do que Deus ordenou, não são dignas de nenhuma confiança. Em sua carta a Africano, Orígenes faz alusão ao sábado, mas sem comentários adicionais acerca desse dia:

Você vai encontrar a lei sobre não carregar fardos no dia de sábado em Jeremias, bem como em Moisés.

Embora essas alusões de Orígenes ao sábado não tenham em si muita importância, nós apresentamos todas elas, para que o seu testemunho seja exposto da forma mais completa possível. Sua próxima menção do sábado, parece, pelo contexto, estar relacionada a Paulo:

Seria impiedade abster-se em seu sentido literal, da circuncisão, dos sábados, das festas, das luas novas, dos alimentos puros ou impuros, e voltar a mente para a boa, verdadeira e espiritual lei de Deus...? — *Origen against Celsus* [Orígenes contra Celso], livro 2, cap. 7.

Logo compreenderemos sua ideia sobre o verdadeiro sábado, como distinto do “literal”. Ele apresenta a seguinte razão para o “sábado literal” entre os hebreus:

A fim de que houvesse um tempo para ouvir às suas leis divinas, foram instituídos os dias chamados “sábados”, como também outras festas que existiam entre eles. — Livro 4, cap. 32.

O que Orígenes menciona como a razão para a instituição do sábado é, na verdade, apenas um de seus benefícios casuais. A real razão para sua instituição, isto é, que a criação dos céus e da terra fosse lembrada, ele parece ter passado por alto, em razão de estar tão literalmente expressa no mandamento. Acerca do dia de descanso de Deus, ele fala o seguinte:

No que diz respeito à criação do mundo e do “descanso sabático [*sabbatismou*] reservado depois dela ao povo de Deus”, o assunto é místico, profundo, e de difícil explanação. — Livro 5, cap. 59.

A citação seguinte de Orígenes sobre o sábado não apenas relaciona a sua instituição à criação, mas nos dá uma ideia de seu sábado “místico”, distinto de um sábado “literal”. Ao falar sobre o descanso do trabalho de seis dias do Criador, ele faz alusão a Celso dessa forma:

Pois ele [Celso] nada sabe sobre o dia de sábado e do descanso de Deus, *que ocorreu após a conclusão da criação do mundo, que dura enquanto o mundo existir*, e no qual todos aqueles que tiverem feito todas as suas obras em seus seis dias guardarão uma festa com Deus, os quais, por não terem se omitido de nenhum de seus deveres, irão ascender à contemplação [das coisas celestiais], e à assembleia dos seres justos e abençoados. — Livro 6, cap. 51.

Aqui temos um vislumbre acerca do sábado místico de Orígenes. Ele começou na criação, e perdurará enquanto o mundo existir. Para aqueles que seguem a letra, é de fato apenas um descanso semanal, mas para aqueles que conhecem a verdade, é um sábado perpétuo, desfrutado por Deus durante todos os dias do tempo, e que os crentes começam a desfrutar na conversão ou na morte. E este último talvez explique porque ele disse antes, que as razões para os dias observados pelos judeus seriam entendidas depois dessa vida.

Mas por último, chegamos à menção do suposto dia do Senhor por Orígenes. Como ele tem um sábado místico ou perpétuo, um dia do Senhor, como alguns dos antigos pais tinham e que, sob o pretexto de

guardar cada dia como um sábado, na verdade trabalhavam todos os dias, assim também ele possui um dia do Senhor, que não é apenas um determinado dia da semana, mas que envolve todos os dias, e cobre todo o tempo. Aqui estão as suas palavras:

Pois, “guardar uma festa”, como bem disse um dos sábios gregos, “nada mais é do que cumprir o seu dever”; e, o indivíduo que cumpre seu dever e ora sempre, verdadeiramente celebra uma festa, oferecendo continuamente sacrifícios sem sangue em oração a Deus. Por essa razão, julgo excelentes as palavras de Paulo: “Vocês estão observando dias especiais, meses, ocasiões específicas e anos. Temo que os meus esforços por vocês tenham sido inúteis”.

Caso nos seja dirigida objeção a esse respeito, sob o argumento de que estamos acostumados a observar determinados dias, como por exemplo o dia do Senhor, a Preparação, a Páscoa ou o Pentecostes, preciso responder que, para o cristão perfeito, que em pensamento, palavra e ação está sempre servindo a seu Senhor natural – Deus, a Palavra –, *todos os dias são do Senhor, e ele está sempre guardando o dia do Senhor*. — Livro 8, fechamento do capítulo 21 e início do capítulo 22.

Em relação ao que ele chama de dia do Senhor, Orígenes divide seus irmãos em duas classes, como ele havia dividido antes o povo de Deus em duas classes com respeito ao sábado. Uma classe compreende os cristãos imperfeitos que se contentam com o dia literal; e a outra classe compreende os cristãos perfeitos cujo dia do Senhor envolve todos os dias da vida. Sem dúvida, Orígenes se considerava um dos cristãos perfeitos. Sua observância do dia do Senhor não consistia na elevação de um dia acima do outro, pois ele considerava a todos iguais, assim constituindo um perpétuo dia do Senhor, a exata doutrina que ele encontrou em Clemente de Alexandria, que foi instrutor de Orígenes no início de sua vida. A guarda do dia do Senhor com Orígenes, assim como com Clemente, envolvia todos os dias de sua vida, e consistia, segundo Orígenes, em servir continua-

mente a Deus em pensamento, palavra e ação; ou, como Clemente expressa, a pessoa “guarda o [dia] do Senhor quando abandona uma disposição perversa e assume a do gnóstico”.

Essas coisas provam que Orígenes não considerava o sábado como o dia do Senhor, para ser honrado acima dos outros dias como um memorial divino da ressurreição, pois ele guardava o dia do Senhor durante todos os dias da semana. Ele também não defendia o domingo como o dia do Senhor, para ser guardado como um dia de abstinência do trabalho enquanto todos os outros dias seriam dias de negócio, pois o que quer que fosse necessário para guardar o dia do Senhor, ele fazia em todos os dias da semana.

Quanto ao cristão imperfeito, que honrava um dia literal como o dia do Senhor, Orígenes mostra em qual classificação esse dia se encontrava, associando-o com a Preparação, a Páscoa e o Pentecostes, os quais, nessa dispensação, são meras instituições da igreja, e nenhum deles, dias de abstinência do trabalho. A mudança do sábado do sétimo dia para o primeiro, ou a existência do suposto sábado cristão, na época de Orígenes, eram absolutamente desconhecidas.

TESTEMUNHO DE HIPÓLITO, BISPO DE PORTUS

Hipólito, que era bispo de Portus, perto de Roma, escreveu por volta de 250 d.C. É evidente, a partir de seu testemunho, que ele acreditava que o sábado fora criado pelo ato de Deus ao santificar o sétimo dia no princípio. Ele defendia esse dia como sendo o tipo do sétimo período de mil anos. Ele diz o seguinte:

E 6.000 anos precisam ser cumpridos a fim de que venha o sábado, o descanso, o santo dia no qual Deus descansou de toda a Sua obra. Pois o sábado é o tipo e o emblema do futuro reino dos santos, quando eles reinarem com Cristo quando Ele vier outra vez do Céu, como diz João em seu Apocalipse: pois um dia com o Senhor é como mil anos. Então, uma vez que, em seis dias Deus fez todas as coisas, conclui-se que seis mil anos precisam se cumprir. — *Commentaries*

on various Books of Scripture [Comentários sobre vários Livros da Escritura]. Seq. 4, sobre Daniel.

As igrejas da Etiópia têm uma série de Cânones, ou regras eclesiásticas, que eles atribuem a esse pai. A número trinta e três lê-se da seguinte forma:

Todos os dias deve-se fazer celebração dos mortos fiéis, com exceção do dia do Senhor.

A igreja de Alexandria também possui uma série que eles atribuem a ele. A trigésima terceira é apresentada da seguinte maneira:

Sobre a *Atalmsas* (a oblação), que eles apresentarão pelos que estão mortos, que não seja oferecida no dia do Senhor.

A trinta e oito contem as seguintes palavras:

Acerca da noite anterior à ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo. Que ninguém durma nessa noite, e se lave com água.

Essas são as únicas coisas em Hipólito que podem ser relacionadas à festa dominical. De acordo com Hipólito, as orações e as ofertas pelos mortos, que encontramos cerca de cinquenta anos antes em Tertuliano, são lícitas em todos os dias exceto no suposto dia do Senhor. Elas cresceram com a festa dominical e possui a mesma autoridade dela. Tertuliano, como já observamos, nos diz francamente que não existe autoridade bíblica para nem uma nem outra, e que elas se baseiam unicamente no costume e na tradição.

TESTEMUNHO DE NOVACIANO, UM PRESBÍTERO ROMANO

Novaciano, que escreveu por volta de 250 d.C., é considerado o fundador da seita chamada *Cathari* ou *puritanos*. Ele tentou resistir a algumas das brutais corrupções da igreja de Roma. Ele escreveu um tratado acerca do sábado, que não se encontra disponível. Não há nenhuma referência ao domingo em seus escritos. Em seu tratado “Os alimentos dos judeus”, ele fala sobre o sábado da seguinte forma:

Mas quão perversos são os judeus, e distantes do entendimento da sua lei, demonstrei amplamente, segundo o que acredito, em duas cartas anteriores, nas quais ficou absolutamente provado que eles são ignorantes ao que é a verdadeira circuncisão, e o que é o verdadeiro sábado. — Capítulo 1.

Se contrastarmos a doutrina dos fariseus acerca do sábado com os ensinamentos do Salvador, ou com os de Isaías em seu quinquagésimo oitavo capítulo, não pensaremos que Novaciano esteja distante da verdade em seus pontos de vista sobre o povo judeu. Em seu tratado “Concerning the Trinity” [A Trindade] encontra-se a seguinte alusão ao sábado:

Pois, da maneira que, como homem, procede de Abraão, assim também, como Deus, existe antes do próprio Abraão. E da mesma maneira que Ele é, como homem, o “Filho de Davi”, assim, como Deus, Ele é proclamado Senhor de Davi. E da mesma maneira que Ele foi criado, como homem, “sob a lei”, assim, como Deus, Ele é declarado “Senhor do Sábado”. — Capítulo 11.

Essas são as únicas referências ao sábado no que resta dos escritos de Novaciano. Ele faz os seguintes comentários surpreendentes acerca da lei moral:

A lei foi dada aos filhos de Israel para este propósito: para que eles pudessem se beneficiar dela e RETORNAR àquelas *maneiras virtuosas* que, embora *as tivessem recebido dos seus pais*, foram corrompidas por eles no Egito, por causa de seu envolvimento com um povo estrangeiro. Por fim, também, aqueles *dez mandamentos* nas tábuas não *ensinam nada de novo*, mas os fazem *lembrar* daquilo que *havia sido obliterado* — a fim de que justiça, que estivera adormecida neles, fosse reavivada, pelo sopro da lei, à semelhança de um fogo [a ponto de extinguir-se]. — *On the Jewish Meats* [Os alimentos dos Judeus], cap. 3.

Portanto, é certo que no julgamento de Novaciano, os dez mandamentos não ordenavam nada que já não fosse considerado santo pelos

patriarcas, antes que Jacó subisse para o Egito. Conclui-se, portanto, que, em sua opinião, o sábado foi instituído, não na queda do maná, mas, sim quando Deus santificou o sétimo dia, e que homens santos das mais antigas eras o guardaram. A festa dominical, com seus vários nomes e títulos, ele nunca menciona.

CAPÍTULO 9



Cipriano – Dionísio de Alexandria – Anatólio – Comodiano Arquelau.

TESTEMUNHO DE CIPRIANO, BISPO DE CARTAGO

Cipriano escreveu por volta de 255 d.C. Encontrei apenas duas referências ao domingo em suas obras. A primeira, em sua trigésima segunda epístola (a trigésima oitava da edição Oxford), na qual ele fala de um indivíduo chamado Aurélio que “lê no dia Senhor” para ele. Mas no segundo caso ele define o significado do termo e apresenta evidências para apoiar sua aplicação deste termo ao primeiro dia da semana. Ele está argumentando em favor do batismo infantil, ou melhor, contrariando a opinião de que o batismo deveria ser adiado até que a criança tivesse oito dias de vida. Embora a ordenança para circuncidar as crianças aos oito dias de vida seja um dos principais fundamentos para a autoridade do batismo infantil, ainda assim, segundo Cipriano, o tempo nesse preceito não indica a idade em que a criança deve ser batizada, mas prefigura o fato de que o oitavo dia é o dia do Senhor. Ele diz o seguinte:

“Pois a respeito da observância do oitavo dia na circuncisão judaica da carne, um sacramento foi dado de antemão como sombra e para uso; mas quando Cristo veio, ele se cumpriu em verdade. Uma vez que o oitavo dia, isto é, o primeiro dia após o sábado, seria aquele no qual o Senhor ressuscitaria dos mortos, nos vivificaria e nos daria a circuncisão do Espírito, o oitavo dia, a saber, o primeiro dia depois do sábado, e o dia do Senhor, ocorreu primeiro em figura. Logo que a verdade veio, a figura cessou e a circuncisão espiritual nos foi dada”. — *Epístola* 58, seq. 4; na edição de Oxford, *Epístola* 64.

A circuncisão é usada para provar um duplo erro da grande apostasia, o *batismo infantil* e que *o oitavo dia é o dia do Senhor*. Mas o oitavo dia, no caso da circuncisão, não era o dia seguinte ao sétimo, isto é, o primeiro dia da semana, mas o oitavo dia da vida de cada criança, e, portanto, caía em um dia da semana com tanta frequência quanto em outro. Esse é o único argumento apresentado por Cipriano em favor da santidade do primeiro dia, e parece ter sido tomado emprestado de Justino Mártir, o qual, como vimos, utilizou-o cerca de cem anos antes dele. Porém, ele é tão forte quanto o argumento de Clemente de Alexandria, que foi extraído dos escritos do filósofo pagão Platão, também em favor da santidade do primeiro dia, o que ele chama de profecia do oitavo dia! E ambos estão no mesmo patamar com o argumento de Tertuliano, que confessou que eles não tinham a autoridade das Escrituras, mas que ele aceitava, no lugar dela, a autoridade dos costumes e da tradição!

Em sua “Exhortation to Martyrdom” [Exortação ao Martírio], seção 11, Cipriano cita a maior parte de Mateus 24, e nessa citação, no verso 20, o sábado é mencionado, mas ele não diz nada acerca dessa instituição. Em seus “Testimonies against the Jews” [Testemunhos contra os Judeus], livro 1, nas seções 9 e 10, ele diz “que a primeira lei, que foi dada por Moisés, estava prestes a se encerrar”, e que “uma nova lei seria dada”; e na conclusão de seu “Treatise against the Jews” [Tratado contra os Judeus], na seção 119, ele diz “o jugo da lei, o qual foi rejeitado por nós, era pesado”, mas não fica claro se ele quis incluir nessas declarações os preceitos da lei moral.

TESTEMUNHO DE DIONÍSIO, BISPO DE ALEXANDRIA

Esse pai, que era um dos discípulos de Orígenes, escreveu por volta de 260 d.C.. No primeiro cânone de sua “Epistle to Bishop Basilides” [Epístola ao Bispo Basíledes], ele trata da “hora adequada para encerrar o jejum no dia de Pentecostes”. Ele tem a oportunidade de citar o que os quatro evangelistas falam sobre o sábado e o primeiro dia em conexão com a ressurreição de Cristo. Mas quando faz isso, ele não acrescenta nem

uma palavra sequer que expresse a santidade do domingo, nem atribui a este dia nenhum outro título, senão o simples “primeiro dia da semana”. O sétimo dia é simplesmente chamado “o sábado”. Ele também fala sobre “a preparação e o sábado” como os “últimos dois dias” de um jejum de seis dias, no aniversário da semana da morte de Cristo.

TESTEMUNHO DE ANATÓLIO, BISPO DE LAODICEIA

Esse pai escreveu por volta de 270 d.C. Ele participou da discussão da questão se a festa da Páscoa deveria ser celebrada no décimo quarto dia do primeiro mês, o mesmo dia em que os judeus observavam a Páscoa, ou se ela deveria ser observada no próximo suposto dia do Senhor. Nessa discussão, ele usa o termo dia do Senhor, em seu primeiro cânone, uma vez, citando-o de Orígenes; em seu sétimo, duas vezes; em seu décimo, duas vezes; em seu décimo primeiro, quatro vezes; em seu décimo segundo, uma vez; em seu décimo sexto, duas vezes. Esses são todos os casos onde ele utiliza o termo. Nós citamos alguns daqueles que lançam alguma luz sobre o significado desse termo usado por ele. Em seu sétimo cânone, ele diz: “A obrigação da ressurreição do Senhor ordena guardar a festa pascal no dia do Senhor”. Em seu décimo cânone ele usa a seguinte linguagem: “A festa solene da ressurreição do Senhor pode ser celebrada apenas no dia do Senhor”. E também “que não deveria ser lícito celebrar o mistério da Páscoa do Senhor em nenhum outro tempo senão no dia do Senhor, no qual teve lugar a Sua ressurreição da morte, e no qual também fez surgir para nós, a causa da alegria eterna”. Em seu décimo primeiro cânone ele diz: “Foi no dia do Senhor que a luz nos foi mostrada no princípio, e agora também no fim, o conforto de todo o presente e o símbolo de todas as bênçãos futuras”. Em seu décimo sexto cânone, ele diz: “Nossa consideração pela ressurreição do Senhor, que teve lugar no dia do Senhor, nos levará a celebrá-la de acordo com o mesmo princípio”.

O leitor pode estar curioso para saber por que uma controvérsia teria surgido a respeito do dia apropriado para a celebração da Páscoa na

igreja cristã, quando nenhuma celebração assim jamais fora ordenada. A explicação é essa: A festa era celebrada unicamente sob a autoridade da tradição, e haviam, nesse caso, duas tradições diretamente conflitantes, como é demonstrado em detalhes no décimo cânone desse pai. Um grupo herdou sua tradição de João, o apóstolo, e defendia que a festa pascal devia ser celebrada todos os anos, “sempre que chegasse o décimo quarto dia da lua, e o cordeiro fosse sacrificado pelos judeus”. Mas o outro grupo herdou sua tradição dos apóstolos Pedro e Paulo, e defendia que essa festa não devia ser celebrada nesse dia, mas no suposto dia do Senhor seguinte. E então levantou-se uma feroz controvérsia, que foi decidida em 325 d.C., pelo Concílio de Niceia, a favor de São Pedro, que tinha ao seu lado seu pretenso sucessor, o poderoso e astuto bispo de Roma.

O termo “dia do Senhor” nunca tinha sido aplicado ao domingo até os anos finais do segundo século. E Clemente, que é o primeiro a fazer tal aplicação, apresenta o verdadeiro dia do Senhor como sendo constituído de cada um dos dias da vida cristã. E essa opinião é compartilhada por outros depois dele.

Mas depois que entramos no terceiro século, o nome “dia do Senhor” é frequentemente aplicado ao domingo. Tertuliano, que viveu na época em que primeiro encontramos essa aplicação, declara francamente que a festa do domingo, à qual ele dá o nome de dia do Senhor, não tinha autoridade bíblica, mas que era fundamentada na tradição. Mas não deveriam as tradições do terceiro século ser consideradas autoridade suficiente para chamar o domingo de dia do Senhor? Os próprios homens daquele século, que assim falam acerca do domingo, com toda a força incentivam a observância da festa da Páscoa. Devemos aceitar essa festa, que eles nos apresentam sob a autoridade de sua tradição apostólica? Como se nos ensinassem a insensatez de acrescentar a tradição à Bíblia, como parte das nossas regras de fé; acontece que existem desde o início do segundo século, duas tradições diretamente conflitantes sobre qual dia deveria ser guardado para a Páscoa. Um grupo herdou sua tradição de São João, o

outro herdou a sua de São Pedro e São Paulo! E é muito notável que, embora cada um desses grupos afirme saber por meio de um ou outro desses apóstolos, que eles tinham o dia certo para a Páscoa, e que o outro grupo tinha o dia errado, nunca houve nenhuma reivindicação de algum desses pais que o domingo é o dia do Senhor porque João, na ilha de Patmos, assim o chamou! Se os homens, no segundo e terceiro séculos, estavam totalmente errados em suas tradições a respeito da Páscoa, como certamente estavam, devemos considerar as tradições do terceiro século como autoridade suficiente para afirmar que o título “dia do Senhor” pertence ao domingo por autoridade apostólica?

TESTEMUNHO DE COMODIANO

Essa pessoa era nativa da África, e não parece ter tido qualquer ofício na igreja cristã. Ele escreveu por volta de 270 d.C. As únicas alusões feitas por ele ao sábado encontram-se nas seguintes palavras dirigidas aos judeus:

Não existe nenhum povo tão incrédulo como o de vocês. Oh! raça perversa! Em tantos lugares, e tão frequentemente repreendidos pela lei daqueles que clamam em voz alta. E o Altíssimo despreza os seus sábados, e rejeita completamente as suas festas universais mensais ordenadas pela lei, para que vocês não Lhe ofereçam os sacrifícios ordenados; quem lhes disse para praticar qualquer obra por causa de suas transgressões. — *Instructions in favor of Christian Discipline* [Instruções em favor da disciplina cristã], seq. 40.

Essa declaração é muito obscura, e não existe nada no contexto que lance qualquer luz sobre ela. Sua linguagem pode estar se referindo aos sábados cerimoniais, ou também pode incluir o sábado do Senhor. Se inclui o sábado feito para o homem, ela pode ser entendida como as palavras de Isaías 1:13, 14, repreendendo a hipocrisia daqueles que professam guardá-lo, em vez de condenar a própria instituição em si.

Ele utiliza o termo “dia do Senhor” apenas uma vez, e de forma tão obscura quanto a sua referência sobre a questão do sábado. Aqui está:

Você não teme ao Senhor, que clama em alta voz com tanto ardor; Ele que nos ordena alimentar até mesmo aos nossos inimigos. Esperem ansiosos por suas refeições da mão desse Tobias que sempre, a *cada dia*, as compartilhava inteiramente com os pobres. Você procura alimentar aquele, ó tolo, que o alimenta novamente. Deseja que ele prepare para mim, que estou pondo perante ele seu enterro? O irmão oprimido com necessidade, quase definhando, clama em alta voz diante daquele que está esplendidamente satisfeito e de barriga estufada: O que você diz acerca do dia do Senhor? Se ainda não o fez, que convide uma pessoa pobre do meio da multidão, a quem possa trazer para a sua ceia. Nas tábuas está a sua esperança de um Cristo restaurado. — Seç. 61.

Se Comodiano queria acusar seus irmãos de alimentar os famintos apenas um dia da semana, ou se defendia um dia do Senhor como o de Clemente de Alexandria, Orígenes e outros (a saber, aquele que inclui todos os dias da vida daquele que se abstém do pecado), e assim desejava que seus irmãos imitassem a Tobias, que alimentava o faminto *todos os dias*, permanece incerto. Ele não podia acreditar que o domingo era o dia do Senhor por indicação divina, pois refere-se à festa da Páscoa (que se baseia apenas nas tradições e mandamentos dos homens) como acontecendo “uma vez no ano” e a chama de “Páscoa, o nosso dia *mais abençoado*” — Seç. 75. O dia da Páscoa era, portanto, em sua opinião, o dia mais sagrado na igreja cristã.

TESTEMUNHO DE ARQUELAU, BISPO DE CARCAR

Essa pessoa escreveu por volta de 277 d.C., ou, segundo as outras autoridades, ele escreveu não muito distante de 300 d.C. e floresceu na Mesopotâmia. O que resta de seus escritos é simplesmente o registro de sua “Disputation with Manes” [Disputa com Mane], o herege. Eu não acho

que tenha utilizado alguma vez o termo “dia do Senhor”. Ele apresenta o sábado e declara sua visão sobre ele da seguinte forma:

Moisés, aquele ilustre servo de Deus, comprometeu-se com aqueles que desejavam ter a visão correta: uma lei emblemática e também uma lei real. Assim, por exemplo, depois que Deus fez o mundo, e todas as coisas que nele há, no espaço de seis dias, Ele descansou no sétimo dia de toda a Sua obra; por essa declaração não pretendo afirmar que Ele descansou porque estivesse fatigado, mas que Ele assim o fez por ter trazido à perfeição todas as criaturas que ele tinha resolvido criar. E ainda na sequência (a nova lei) diz: “Meu Pai trabalha até agora, e Eu trabalho também”. Então, isso quer dizer que Ele ainda está criando os céus, ou o sol, ou o homem, ou os animais, ou as árvores, ou qualquer uma dessas coisas? Não; isso significa que, quando esses objetos visíveis foram perfeitamente terminados, Ele descansou daquele tipo de trabalho; enquanto, porém, ainda continua trabalhando nos objetos invisíveis com um modo de ação interno, e salva os seres humanos. De maneira semelhante, então, o legislador também deseja que cada um dos indivíduos entre nós se dedique incessantemente a esse tipo de trabalho, assim como o próprio Deus Se dedica; e Ele nos ordena, consequentemente, a abster-se continuamente das coisas seculares, e não nos envolver em absolutamente nenhum tipo de trabalho; e esse é chamado nosso sábado. Isso Ele também acrescentou na lei, que nada absurdo deveria ser feito, mas que deveríamos ser cuidadosos e dirigir nossa vida de acordo com o que é justo e correto. — Seq. 31.

Essas palavras parecem mostrar que ele defendia um sábado perpétuo, como Justino Mártir, Tertuliano e outros. Ainda assim, isso não parece possível, pois enquanto que, diferentemente de Justino que despreza o que chama de dias de “ociosidade”, esse escritor diz que não devemos nos “envolver em absolutamente nenhum tipo de trabalho; e esse é chamado nosso sábado”. É praticamente impossível que ele considerasse algo ímpio trabalhar em um ou em todos os seis dias que são de trabalho. Todavia, ele

deseja afirmar que é pecado trabalhar em qualquer um desses dias ou afirma a obrigação perpétua desse sábado que claramente ele acreditava ter originado quando Deus colocou à parte o sétimo dia, e que ele reconhece estar sob a autoridade daquilo que “Ele acrescentou na lei”. Logo chegaremos à sua declaração final, que parece mostrar claramente que o segundo desses pontos de vista era aquele que esse escritor defendia.

Depois de mostrar nessa mesma seção que a pena de morte que estava nas mãos do magistrado, pela violação do sábado, não está mais em vigor em razão do perdão por meio do Salvador, e depois de responder as objeções de Mane nas seções 40, 41 e 42, de que Cristo, ao curar no sábado, contradisse diretamente o que Moisés fazia com os que violavam o sábado no seu tempo, ele declara seus pontos de vista sobre a perpetuidade do antigo sábado em linguagem bem clara. Ele fala da seguinte forma:

Novamente, quanto à afirmação de que o sábado foi abolido, nós negamos que Ele o aboliu por completo (*plenamente*); pois Ele próprio também era Senhor do sábado. E isso (a relação da lei com o sábado) era como um servo, encarregado da cama do noivo, e que a prepara com todo o cuidado, e não permite que ela seja desarrumada ou tocada por nenhum estranho, mas mantém-na intacta até o momento da chegada do noivo; para que, quando ele vier, a cama possa ser usada como lhe agradar, ou como for permitido àqueles que ele convidou que entrassem junto com ele. — Seç. 42.

Três coisas são claramente ensinadas. 1. A lei sagradamente preservou o sábado até a vinda de Cristo. 2. Quando Cristo veio, Ele não aboliu o sábado, pois Ele era o seu Senhor. 3. E todo o teor da linguagem desse escritor mostra que ele desconhecia a mudança do sábado em honra à ressurreição de Cristo, e que não faz alusão, nem sequer uma vez, ao primeiro dia da semana.

CAPÍTULO 10



*Vitorino — Pedro — Metódio — Lactâncio — Poema de Gênesis —
Conclusão.*

TESTEMUNHO DE VITORINO, BISPO DE PETTAU

Essa pessoa escreveu por volta de 300 d.C. Seu episcopado estava na Alemanha. De sua obra acerca da “Creation of the World” [Criação do Mundo], apenas um fragmento encontra-se preservado atualmente. Na primeira seção, ele fala o seguinte sobre a santificação do sétimo dia:

Em seis dias Deus produziu toda essa grandeza para o adorno da Sua majestade; no sétimo, para o qual Ele a consagrou [algumas palavras aqui estão perdidas do texto] com uma bênção. Por essa razão, portanto, porque em sete dias, tanto as coisas celestes quanto as terrestres foram ordenadas, no lugar do princípio. Considerarei desse sétimo dia segundo o princípio de todas as coisas pertencentes ao número sete.

Vitorino, como alguns outros pais, defendia que o “sábado verdadeiro e justo deve ser observado no sétimo milênio”. Ele cria que o sábado foi abolido pelo Salvador. Ele simpatizava com o ato da igreja de Roma de tornar o sábado um jejum. Defendia um jejum semanal de dois dias, como as suas palavras necessariamente indicam. E gostaria que os homens jejuassem no sexto dia para comemorar a morte de Cristo, e no sétimo, para não parecer que guardavam o sábado como os judeus; mas no suposto dia do Senhor deveriam comer o seu pão com ação de graças. Ele racionaliza dessa forma:

Nesse dia [o sexto] também, em virtude da paixão do Senhor Jesus Cristo, nós fazemos para Deus uma pausa ou um jejum. No sétimo

dia, Ele descansou de toda a Sua obra, e o abençoou e o santificou. No dia anterior [o sexto], nós estamos acostumados a jejuar rigorosamente, para que no dia do Senhor possamos partir o nosso pão com ação de graças. E que o *parasceve* [o sexto dia] se torne um jejum rigoroso, para não parecer que guardamos qualquer sábado com os judeus, o qual o próprio Cristo, o Senhor do sábado, diz por meio de Seus profetas que “Sua alma odeia”; sábado o qual Ele, em Seu corpo, aboliu, muito embora, Ele próprio houvesse anteriormente ordenado a Moisés que a circuncisão não devesse passar do oitavo dia, dia este que muito frequentemente cai no sábado, como vemos no evangelho. Moisés, antevendo a dureza daquele povo, no sábado levantou as suas mãos, portanto, e dessa forma amarrou-se a uma cruz. E na batalha eles foram perseguidos pelos estrangeiros no dia de sábado, para serem levados cativos, como se, pela própria rigidez da lei, fosse moldada para a anulação de seus próprios ensinamentos. — Seq. 4.

Essas declarações, em geral, fazem pouca diferença, mas algumas delas são dignas de nota. Primeiro, nós temos um dos grandes elementos que contribuiu para o abandono do sábado do Senhor, isto é, o ódio contra os judeus por sua conduta para com Cristo. Aqueles que assim agiram, se esqueceram que o próprio Cristo era o Senhor do sábado, que era Sua instituição, e não dos judeus, a quem estavam desprezando. Segundo, foi a igreja de Roma que tornou o sábado um jejum, cem anos antes, a fim de suprimir sua observância, e Vitorino estava agindo sob as suas instruções. Terceiro, nós temos uma referência ao suposto dia do Senhor como um dia de ação de graças, mas não é indicada nenhuma conexão entre esse dia e o sábado; pois no seu tempo, a mudança do sábado não havia sido cogitada. Ele tem outras razões para negligenciar o sétimo dia, apresentadas a seguir:

E assim, no sexto salmo para o oitavo dia, Davi pede ao Senhor que não o repreenda na Sua ira, nem o julgue no Seu furor; pois esse é, de fato, o oitavo dia desse juízo futuro, que irá além do habitual

número sete. Além disso, Jesus [Josué], o filho de Nave [Num], o sucessor de Moisés, Ele próprio transgrediu o sábado; pois no dia de sábado Ele ordenou aos filhos de Israel que marchassem ao redor dos muros da cidade de Jericó com trombetas, e declarassem guerra contra os estrangeiros. Matias, um príncipe de Judá, também transgrediu o sábado; pois ele matou o prefeito de Antíoco, o rei da Síria, no sábado, e subjugou os estrangeiros, perseguindo-os. E em Mateus está escrito que Isaías, e o restante de seus colegas, também transgrediram o sábado — que o justo e verdadeiro sábado deve ser observado no sétimo milênio. Portanto, a cada um desses sete dias o Senhor atribuiu mil anos; pois assim seguiu-se a advertência: “Pois mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem”. Portanto, aos olhos do Senhor, cada milênio está estabelecido, pois descobri que os olhos do Senhor são sete. Dessa forma, como narrei, o verdadeiro sábado será no sétimo milênio, quando Cristo reinará com os Seus eleitos. — Seq. 5.

Isso encerra o testemunho de Vitorino. Evidentemente, ele defendia que o sábado originou na santificação do sétimo dia, mas pelas razões aqui apresentadas, a maioria das quais é trivial, e todas falsas, ele defendia que o mesmo havia sido abolido por Cristo. Seu argumento do sexto salmo, e da violação do sábado por Isaías, é algo extraordinário. Ele teve uma oportunidade excelente de dizer que, embora o sétimo dia sábado tenha sido abolido, ainda assim temos o sábado cristão, no dia do Senhor, para ocupar o seu lugar. Mas ele mostra positivamente que desconhecia tal instituição; pois ele diz: “Aquele sábado verdadeiro e justo” será “no sétimo milênio”.

TESTEMUNHO DE PEDRO, BISPO DE ALEXANDRIA

Esse pai escreveu por volta de 306 d.C. Em seu “Cânone 15”, ele estabelece a celebração do quarto, do sexto e do primeiro dias da semana:

Ninguém deve achar falta em nós pela observância do quarto dia da semana, e da preparação [o sexto dia], nos quais, de maneira

razoável nos é ordenado que jejuemos, segundo a tradição. No quarto dia, de fato, pois nele os judeus tomaram conselho para a traição do Senhor; e no sexto, porque nele, Ele próprio sofreu por nós. Mas o dia do Senhor, nós celebramos como um dia de alegria, porque nele, Ele ressurgiu, dia no qual recebemos como costume nem mesmo dobrar os joelhos.

Acerca disso, Bálsamo, um antigo escritor, cujo comentário está anexado a esse cânone, destaca que esse cânone está em harmonia com o 64º cânone apostólico, que declara “que nós não devemos jejuar no sábado, com uma exceção, o grande sábado” [aquele conectado à Páscoa] “e com o 69º cânone, que pune severamente aqueles que não jejuam na Santa Quaresma, e em todo o quarto dia da semana, e no dia da preparação”. Assim, parece que eles foram ordenados pelos cânones a jejuar no quarto e sexto dias da semana, e proibidos de fazê-lo no sábado e no primeiro dia.

Zonaras, outro antigo comentarista dos cânones de Pedro, nos apresenta a autoridade sobre a qual essas observâncias repousam. Nenhum desses três dias é honrado por ordem de Deus. Zonaras menciona os jejuns do quarto e do sexto dias, e diz que ninguém achará falta neles. Mas ele considera próprio ressaltar as razões de Pedro para a festa do dia do Senhor, e a natureza dessa festa. Ele diz assim:

Mas no dia do Senhor não devemos jejuar, pois é um dia de alegria pela ressurreição do Senhor, e nesse dia, diz o escritor, nós aprendemos que não devemos nem dobrar os joelhos. Essa palavra, portanto, deve ser cuidadosamente observada: “nós recebemos” e “nos é ordenada segundo a tradição”. Pois, é evidente que foi daí que o costume há muito estabelecido foi tomado por lei. Além disso, o grande Basílio também anexa as causas pelas quais era proibido dobrar os joelhos no dia do Senhor, e desde a Páscoa até o Pentecostes.

As honras que eram conferidas ao suposto dia do Senhor são especificadas. São em número de duas: (1) Era um “dia de alegria”, e, portanto, não era um dia de jejum. (2) Nesse dia, “não deveriam nem mesmo dobrar

os joelhos”. Essa última honra, no entanto, se aplicava a todo o período de cinquenta dias entre a Páscoa e o Pentecostes, bem como a todo o domingo do ano. Assim, a primeira honra era a única que pertencia exclusivamente ao domingo. Essa honra excluía o jejum, mas nunca é dito que excluía o trabalho, ou tornava-o pecado. E a autoridade para as honras desses dois primeiros dias é apresentada com toda a franqueza. Não são as palavras das Escrituras Sagradas, nem o mandamento de Deus, mas “nos é ordenada segundo a tradição. Pois, é evidente que foi daí que o costume há muito estabelecido foi tomado por lei”. Esse é o testemunho de homens que conheciam os fatos. Em nossos dias, as pessoas não ousam reconhecê-lo dessa maneira, e portanto afirmam que o quarto mandamento foi mudado por autoridade divina, e que é pecado trabalhar no primeiro dia da semana.

TESTEMUNHO DE METÓDIO, BISPO DE TIRO

Esse pai escreveu por volta de 308 d.C., e sofreu martírio em 312 d.C. Uma parte considerável de seus escritos chegou até o nosso tempo, mas em todos eles não encontro nenhuma menção do primeiro dia da semana. Ele defendia a perpetuidade dos dez mandamentos, pois fala da besta com dez chifres:

Além disso, os dez chifres e ferrões que afirma-se que ele tem sobre a sua cabeça são as dez oposições, ó virgens, do decálogo, com as quais ele estava acostumado a ferir e lançar por terra as almas de muitos, imaginando e arquitetando as coisas em oposição à lei, “Amarás o Senhor teu Deus”, e contra os outros preceitos seguintes. – *Banquet of the Ten Virgins* [Banquete das Dez Virgens], Discurso 8, cap. 13.

Comentando sobre a festa dos tabernáculos (Levítico 23:39-42), ele diz o seguinte:

Sendo essas coisas como ar e sombras fantasmas, predizem a ressurreição e a reedificação do nosso tabernáculo que havia caído por terra, e que por fim, no sétimo milênio, retomando novamente

a imortalidade, celebraremos a grande festa dos verdadeiros tabernáculos na nova e indissolúvel criação, com os frutos da terra tendo sido recolhidos, e os seres humanos não mais concebendo e sendo concebidos, mas Deus descansando das obras da criação.

— Discurso 9, cap. 1.

Metódio compreendia acerca dos seis dias da criação, e do sétimo dia santificado pelo Criador, para ensinar que no fim dos 6.000 anos virá o grande dia de alegria para os santos de Deus:

Pois, visto que em seis dias Deus fez o céu e a terra e terminou o mundo inteiro, descansou no sétimo dia de todas as obras que Ele tinha feito e abençoou o sétimo dia e o santificou. Assim, simbolicamente, no sétimo mês, depois que os frutos da terra forem recolhidos, somos ordenados a celebrar a festa ao Senhor, o que significa que, quando este mundo for terminado no sétimo milênio, quando Deus tiver concluído o mundo, Ele Se regozijará em nós. – Discurso 9, cap. 1. seq. 4.

No quinto capítulo desse discurso, ele fala do dia do julgamento como “o milênio de descanso, que é chamado o sétimo dia, o verdadeiro sábado”. Ele acreditava que cada dia dos sete primeiros, representava mil anos, e assim o verdadeiro sábado do Senhor descreve o triunfo final dos santos, no sétimo milênio. E na sua obra “On Things Created” [Sobre as Coisas Criadas], seção 9, ele refere-se a essa representação de um dia como mil anos, e cita como prova disso Salmo 90:2, 4. Então ele fala da seguinte maneira:

Pois como mil anos são contados como um dia à vista de Deus, e da criação do mundo até seu descanso são seis dias, assim também para o nosso tempo, seis dias estão definidos, como dizem aqueles que são matemáticos inteligentes. Portanto, dizem que uma era de seis mil anos se estende desde Adão até o nosso tempo. Pois dizem que o juízo virá no sétimo dia, isto é, no sétimo milênio.

O único sábado semanal conhecido por Metódio era o antigo sétimo dia, santificado por Deus no Éden. Ele não afirma que essa instituição divina foi abolida; e o que ele diz sobre os dez mandamentos indica o contrário disso, e ele certamente não faz nenhuma alusão à festa do domingo, que, sob a autoridade do “costume” e da “tradição”, havia sido elevada por tantos acima do sábado do Senhor.

TESTEMUNHO DE LACTÂNCIO

Lactâncio nasceu na segunda metade do terceiro século, converteu-se por volta de 315 d.C., e morreu por volta de 325 d.C., em Tréveris. Ele era muito proeminente como professor de retórica, e foi encarregado da educação de Crispo, o filho de Constantino. Os escritos de Lactâncio são bastante extensos; contudo, eles não contêm nenhuma referência ao primeiro dia da semana. Ele fala duas vezes sobre o sábado. No primeiro caso, ele diz que uma das razões alegada pelos judeus para rejeitar a Cristo era,

que Ele destruiu a obrigação da lei dada por Moisés; isto é, que Ele não descansou no sábado, mas trabalhou pelo bem dos homens, etc. — *Divine Institutes* [Instituições Divinas], livro 4, cap. 17.

Não está claro se Lactâncio acreditava que Cristo transgrediu o sábado, nem que Ele dispensou a lei moral ao ensinar a anulação do código cerimonial. Mas ele dá um testemunho mais decisivo em favor da origem do sábado na criação:

Deus concluiu o mundo e sua admirável obra da natureza no espaço de seis dias (conforme se encontra relatado nos segredos das sagradas Escrituras) e CONSAGROU o sétimo dia no qual descansou de Suas obras. Mas esse é o dia de sábado, que, na linguagem dos hebreus, recebeu esse nome conforme o número, razão pela qual o sétimo é o número legítimo e completo. — Livro 7, cap. 14.

É certo que Lactâncio não considerava o sábado como o memorial da saída do Egito, mas sim como o memorial da criação dos céus e da ter-

ra. Ele também acreditava que os sete dias prefiguravam os sete milênios da história da nossa Terra:

Portanto, visto que todas as obras de Deus foram concluídas em seis dias, o mundo deve continuar em seu estado atual por seis eras, isto é, seis mil anos. Pois o grande dia de Deus está limitado por um círculo de mil anos, como mostra o profeta, que diz: “Pois mil anos, aos Teus olhos, são como o dia de ontem”. E como Deus trabalhou durante esses seis dias ao criar tão grandes maravilhas, assim Sua religião e Sua verdade devem trabalhar durante esses seis mil anos, enquanto a impiedade prevalece e domina. E novamente, uma vez que Deus, tendo acabado Suas obras, descansou no sétimo dia e o abençoou, no fim dos seis mil anos toda a impiedade deve ser abolida da Terra, e a justiça deve reinar por mil anos; e haverá tranquilidade e descanso dos labores que o mundo longamente tem suportado. — Livro 7, cap. 14.

Essa era a opinião de Lactâncio. Ele não acreditava na santidade do primeiro dia, e não há evidência clara de que defendia a anulação do sábado. Finalmente, chegamos a um poema de Gênesis, de um autor desconhecido, mas frequentemente atribuído a Cipriano, a Vitorino, a Tertuliano e a outros.

TESTEMUNHO DO POEMA DE GÊNESIS

Veio o sétimo dia, quando Deus
descansou ao fim de Sua obra, DECRETANDO-O
SANTO PARA AS ALEGRIAS DA ERAS VINDOURAS.

Linhas 51-53.

Aqui, novamente, encontramos um testemunho explícito da instituição divina do sétimo dia para uso santo, enquanto o homem ainda estava no Éden, o jardim de Deus. E isso completa o testemunho dos pais até o tempo de Constantino e do Concílio de Niceia.

Uma coisa está aberta diante olhos do leitor em todo lugar, conforme ele passa por esses testemunhos dos pais: eles viveram no período que, com propriedade, pode ser chamado de “era da apostasia”. A apostasia não estava completa, mas estava firmemente se desenvolvendo. Alguns dos pais da igreja tinham o sábado no pó e honravam o dia do sol como sua festa semanal, apesar de não reivindicar nenhuma autoridade divina para essa celebração. Outros reconheciam o sábado como uma instituição divina, que devia ser honrada por toda a humanidade em memória da criação, e, no entanto, ao mesmo tempo, exaltavam acima dele a festa do domingo, o qual eles reconheciam não ter nada além do costume e da tradição para apoiá-la. O resultado podia ser previsto: no devido tempo, a festa dominical ganhou todo o terreno para si e o sábado foi expulso. Várias coisas conspiraram para se chegar a esse resultado:

1. Os judeus, que conservaram o antigo sábado, tinham matado a Cristo. Era fácil as pessoas se esquecerem de que Cristo, como Senhor do sábado, havia afirmado que esse dia era instituição Sua, e considerarem o sábado uma instituição judaica à qual os cristãos não deveriam respeitar.

2. A igreja de Roma, como líder na obra da apostasia, liderou os mais antigos esforços para suprimir o sábado, transformando-o em um jejum.

3. Na igreja cristã, quase que desde o início, as pessoas honravam voluntariamente o quarto, o sexto e o primeiro dia da semana, para comemorar a traição, a morte e a ressurreição de Cristo, atos que, em si mesmos, não podiam ser considerados pecaminosos.

4. Mas o primeiro dia da semana correspondia à amplamente observada festa pagã ao sol. Logo, era fácil unir a honra a Cristo com a conveniência e vantagem mundana de Seu povo, e justificar a negligência do antigo sábado, estigmatizando-o como uma instituição judaica, com a qual os cristãos não deveriam se preocupar.

O caráter *progressivo* da obra da apostasia, com respeito ao sábado, é acidentalmente ilustrado pelo que Giesler, o distinto historiador da igreja,

menção acerca do sábado e do primeiro dia em seus registros do primeiro, segundo e terceiro séculos. Acerca do primeiro século, ele diz:

Enquanto os cristãos da Palestina, que guardavam toda a lei judaica, celebravam, é claro, todas as festas judaicas, os pagãos convertidos observavam apenas o sábado, e, em memória das cenas finais da vida de nosso Salvador, a Páscoa (1 Coríntios 5:6-8), embora sem as superstições judaicas (Gálatas 4:10; Colossenses 2:16). Além desses, o domingo, como o dia da ressurreição do nosso Salvador (Atos 20:7; 1 Coríntios 16:2; Apocalipse 1:10), *ἡ κυριακή* [do Senhor] *ἡμέρα* [dia], era dedicado ao culto religioso. — *Giesler's Ecclesiastical History* [História Eclesiástica de Giesler], vol. 1, seq. 29, edição de 1836.

Tendo o domingo conseguido uma base de apoio, veja como fica o caso no segundo século. Aqui estão as palavras de Giesler novamente:

Tanto o domingo quanto o sábado eram observados como festas; o último, no entanto, sem superstições judaicas a ele vinculadas. — *Id.*, seq. 52.

Nessa época, como Giesler apresenta o caso, o domingo começou a ganhar a precedência. Mas quando ele apresenta os eventos do terceiro século, ele retira o sábado de seus registros e dá todo o terreno para o domingo e para as festas anuais da igreja. Ele diz o seguinte:

No tempo de Orígenes, os cristãos não tinham festas gerais, exceto o domingo, a parasceve (ou preparação), a Páscoa e a festa do Pentecostes. Logo depois, no entanto, os cristãos no Egito começaram a observar a festa da Epifania, no dia seis de janeiro. — *Id.* vol. 1, seq. 70.

Essas três declarações de Giesler, relacionadas, como estão, ao primeiro, segundo e terceiro séculos, são especialmente apresentadas para descrever o progresso da obra da apostasia. Coleman sucintamente descreve essa obra com as seguintes palavras:

A observância do dia do Senhor foi ordenada enquanto o sábado dos judeus ainda era observado. O último só foi suplantado pelo primeiro quando este adquiriu a mesma solenidade e importância que pertencia, a princípio, ao grande dia que Deus havia originalmente ordenado e abençoado. [...] Com o tempo porém, após o dia do Senhor ser plenamente estabelecido, a observância do sábado dos judeus foi gradualmente descontinuada e, por fim, denunciada como herética. — *Ancient Christianity Exemplified* [Cristianismo Antigo Exemplificado], cap. 26, seç. 2.

Assim descrevemos a obra da apostasia na igreja de Cristo, e destacamos a combinação de circunstâncias que contribuíram para suprimir o sábado, e elevar o primeiro dia da semana. Nós agora concluímos essa série de testemunhos dos pais, afirmando o bem conhecido, contudo, notável fato, de que, no exato ponto ao qual somos trazidos por esses testemunhos, o imperador Constantino, enquanto ainda um pagão, segundo Mosheim, promulgou o seguinte edito acerca da antiga festa dominical:

Que todos os juízes e moradores das cidades, e os trabalhadores de todos os ofícios, descansem no venerável dia do sol; mas que os habitantes dos campos, sem qualquer restrição e em plena liberdade, cuidem do trabalho da agricultura; pois com frequência acontece de nenhum outro dia ser tão apropriado para semear milho e plantar vinhas; para que não aconteça de deixarem passar o momento crítico e perderem os produtos concedidos pelo Céu.

Por meio do ato de um homem ímpio, a festa pagã do domingo agora subiu ao trono do Império Romano. Não podemos aqui acompanhar sua história através dos longos anos das trevas e apostasia papal. Mas, ao encerrarmos, citamos as palavras de Mosheim a respeito dessa lei, como uma prova positiva de que, até este momento, como mostrado por meio dos pais, o domingo era um dia de trabalho comum, em que os homens não estavam envolvidos na adoração. Ele fala o seguinte sobre isso:

O primeiro dia da semana, que era o momento comum e determinado para as assembleias públicas dos cristãos, *passou a ser observado com maior solenidade do que antes, em consequência de uma lei específica promulgada por Constantino*. — Mosheim, século 4, parte 2, cap. 4, seq. 5.

Essa lei restringia os comerciantes e os artesãos, mas não impedia o fazendeiro de realizar seu trabalho. Contudo, ela fez com que o dia fosse observado com maior solenidade do que antes. Estas palavras são ditas referentes aos cristãos, e provam que, na opinião de Mosheim, como historiador, antes de 321 d.C., o domingo era um dia em que o trabalho comum era habitual e lícito entre eles, como o registro dos pais indica, e como muitos historiadores testificam.

Mas mesmo depois disso, o sábado mais uma vez reviveu, e tornou-se forte, mesmo dentro da suposta Igreja Católica, até que o Concílio de Laodiceia, em 364 d.C. proibiu a sua observância sob ameaça de terrível maldição. Daí em diante, a sua história pode ser encontrada descrita principalmente nos registros dos corpos daqueles que a Igreja Católica excomungou como hereges.



ADVENTIST PIONEER LIBRARY

**Para maiores informações, visite:
www.APLib.org
www.EditoraDosPioneiros.com.br**

**ou escreva para:
contact@aplib.org
contato@editoradospioneiros.com.br**